



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2023/24
12º LEVANTAMENTO

SETEMBRO 2024

**VOLUME 11
NÚMERO**

12

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

João Edegar Pretto

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretora-Executiva Administrativa, Financeira e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Arnoldo Anacleto de Campos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Coughlan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Marco Antônio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Amir Haddad (estagiário)
Candice Mello Romero Santos
Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Gabriel Da Costa Farias (estagiário)
Lucas Barbosa Fernandes
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Flávia Machado Starling Soares (Gerpa – trigo), João Figueiredo Ruas (Gefab – feijão), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Séfora Silvério (Suinf), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins.

Colaboradores das superintendências

André Araújo (AC); Antônio de Araújo Lima Filho, Lourival Barbosa de Magalhães, Adriano Jorge Nunes dos Santos e Ilo Aranha Fonseca (AI); Érica Alfaia Marialva, Glenda Patrícia de Oliveira Queiroz (AM); Ednabel Caracas Lima, Francisco dos Reis Lopes Neto, Joctã Lima do Couto e Marcelo Ribeiro e Orfrezino Pereira Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, José Iranildo da Silva Araújo, Lindeberg da Silva Magalhães e Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Sírio José da Silva Júnior e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Airton Santos de Azevedo, Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento Humberto Menezes Souza Filho, Margareth de Cássia Oliveira Aquino e Rogério Prazeres (MA); Benancil Martins Filho, Gabriel Pedrozo Heise, Ismael Cavalcante Maciel Junior, Jorge Luis Cunha, Rodrigo Martinelli Slomoszynski, Raul Pio de Azevedo e Rogério de Souza Silva (MT); Getúlio Moreno, Mário Adriano Silva Moreira, Marcelo de Oliveira Calisto e Edson Yui (MS); Alessandro Lúcio Marques, Benedito Castro de Sousa, Flávio José Goulart, Gabriel Moraes Costa, Hélio Maurício Rezende, Márcio Carlos Magno, Matheus Carneiro de Souza, Pedro Pinheiro Soares, Samuel Valente Ferreira e Warlen Maldonado (MG); Alexandre Augusto Pantoja Cidon, Renato Martins da Silva e Sérgio Alberto Queiroz Costa (PA); Ana Paula Alves Cordeiro, Arthur Ramon de Andrade Rodrigues, Bruno Eduardo Dias Oliveira e Matheus Rodrigues de Sousa (PB); Adilson Valnier, Allan Vinícius Pinheiro Salgado, Charles Erig Daniela Furtado de Freitas, Itamar Pires de Lima Júnior e Jefferson Raspante (PR); Clarissa de Albuquerque Gomes, Herivelton Marculino da Silva, Rafael Silva de Lima, Rinaldo de Souza e Thiago Nery da Cunha (PE); Antônio Cleiton da Silva, Bábiton Leone de Oliveira Herculano, Simone do Nascimento Luz, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Fernando Henrique Vidal Lage, Lireda Bezerra e Rafael Vagner Machado (RN); Alexandre Rocha Pinto, Carlos Roberto Bestetti, Iure Rabassa Martins, Luciana Dall’Agnese, Márcio Renan Weber Schorr, Matias José Führ (RS); João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro e Raimundo Junil Marques Ribeiro (RO); Júlio César de Oliveira, Cezar Augusto Rubin, Eneide Schütz dos Santos, Ricardo Agostini Paschoal e Wagner Fernandes de Aquino (SC); Cláudio Lobo, Elias Tadeu, Marisete Belloli e Rubens Praude (SP); Flaviano Gomes dos Santos, José Bomfim Oliveira Santos Júnior e José de Almeida Lima Neto (SE); Felipe Thomaz de Souza Carvalho, Bruno Milhomem e Jorge Antônio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-CE); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG) , Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do rio de Janeiro (Emater/RJ) ; Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Instituto de Economia Agrícola (IEA-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PRO); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2023/24
12º LEVANTAMENTO

Copyright © 2024– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Capa: Acervo Conab

Normalização

Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 11, safra 2023/24, n. 12
décimo segundo levantamento, setembro 2024.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras
(1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra
(2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO
15	INTRODUÇÃO
18	ANÁLISE CLIMÁTICA
26	ANÁLISE DAS CULTURAS
26	ALGODÃO
37	ARROZ
45	FEIJÃO
68	MILHO
85	SOJA
90	TRIGO
100	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
108	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

Na presente safra, 2023/24, a área semeada foi estimada em 79,82 milhões de hectares, acréscimo de 1,6% ou 1,27 milhão de hectares sobre a safra 2022/23. Os maiores acréscimos são observados na soja, com 1,95 milhão de hectares, seguida pelo gergelim, algodão, feijão e arroz. Já o milho total, primeira, segunda e terceira safras teve redução de 1,21 milhão de hectares, seguido pelo trigo e demais culturas de inverno.

A atual estimativa de produção, após a décima segunda pesquisa de campo, realizada na última semana de agosto, aponta para um volume de 298,41 milhões de toneladas. Em relação à safra passada, temos uma redução de 6,7% ou 21,4 milhões de toneladas. A redução observada se deve, principalmente, à demora na regularização de chuvas no início da janela de plantio, que gerou atraso da semeadura da soja, aliada às baixas precipitações durante parte do ciclo das lavouras nos estados da Região Centro-Oeste, do Matopiba, em São Paulo e no Paraná, sobretudo nas lavouras de milho segunda safra e na soja.

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2022/23 e 2023/24					
	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	1.663,7	1.944,2	16,9	2.721	2.681	(1,5)	4.526,7	5.213,0	15,2
ALGODÃO - PLUMA	1.663,7	1.944,2	16,9	1.907	1.879	(1,5)	3.173,3	3.654,0	15,1
AMENDOIM TOTAL	220,9	255,4	15,6	4.041	2.873	(28,9)	892,8	733,7	(17,8)
Amendoim 1ª Safra	213,8	248,2	16,1	4.120	2.908	(29,4)	880,9	721,7	(18,1)
Amendoim 2ª Safra	7,1	7,2	1,4	1.669	1.660	(0,5)	11,9	12,0	0,8
ARROZ	1.479,6	1.606,9	8,6	6.780	6.587	(2,8)	10.031,8	10.585,3	5,5
Arroz sequeiro	303,5	324,8	7,0	2.557	2.587	1,2	775,9	840,3	8,3
Arroz irrigado	1.176,1	1.282,1	9,0	7.870	7.601	(3,4)	9.255,9	9.745,0	5,3
FEIJÃO TOTAL	2.699,5	2.856,3	5,8	1.125	1.138	1,1	3.036,7	3.249,3	7,0
FEIJÃO 1ª SAFRA	857,3	861,1	0,4	1.116	1.094	(1,9)	956,7	942,3	(1,5)
Cores	344,6	343,1	(0,4)	1.699	1.665	(2,0)	585,5	571,4	(2,4)
Preto	133,4	124,7	(6,5)	1.646	1.492	(9,3)	219,6	186,1	(15,3)
Caupi	379,3	393,3	3,7	400	470	17,6	151,7	184,9	21,9
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.326,2	1.528,2	15,2	962	990	2,9	1.275,8	1.512,2	18,5
Cores	351,2	364,7	3,8	1.644	1.456	(11,5)	577,5	530,8	(8,1)
Preto	202,4	331,6	63,8	1.642	1.534	(6,6)	332,3	508,4	53,0
Caupi	772,6	831,9	7,7	474	568	20,0	365,9	472,8	29,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	516,0	467,0	(9,5)	1.559	1.702	9,2	804,4	795,1	(1,2)
Cores	443,6	402,0	(9,4)	1.697	1.849	9,0	752,7	743,3	(1,2)
Preto	14,4	14,5	0,7	1.015	1.221	20,3	14,6	17,8	21,9
Caupi	58,0	50,5	(12,9)	638	675	5,8	37,0	34,1	(7,8)
GERGELIM	361,2	659,9	82,7	482	547	13,6	174,2	361,3	107,4
GIRASSOL	56,1	59,7	6,4	1.520	1.188	(21,8)	85,2	71,1	(16,5)
MAMONA	51,2	58,7	14,6	1.787	1.484	(16,9)	91,5	87,1	(4,8)
MILHO TOTAL	22.269,2	21.058,5	(5,4)	5.923	5.495	(7,2)	131.892,6	115.722,8	(12,3)
Milho 1ª Safra	4.444,0	3.970,1	(10,7)	6.160	5.784	(6,1)	27.373,2	22.962,2	(16,1)
Milho 2ª Safra	17.192,7	16.437,4	(4,4)	5.954	5.491	(7,8)	102.365,1	90.255,0	(11,8)
Milho 3ª Safra	632,5	651,0	2,9	3.406	3.849	13,0	2.154,4	2.505,9	16,3
SOJA	44.080,1	46.029,8	4,4	3.507	3.202	(8,7)	154.609,5	147.382,0	(4,7)
SORGO	1.417,6	1.459,2	2,9	3.378	3.033	(10,2)	4.788,7	4.425,6	(7,6)
SUBTOTAL	74.299,1	75.988,6	2,3	4.174	3.788	(9,2)	310.129,7	287.831,2	(7,2)
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2023	2024	VAR. %	2023	2024	VAR. %	2023	2024	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	520,1	488,7	(6,0)	1.892	2.167	14,5	984,1	1.058,9	7,6
CANOLA	92,1	131,4	42,7	1.591	1.469	(7,7)	146,5	193,0	31,7
CENTEIO	4,5	2,2	(51,1)	1.644	2.227	35,5	7,4	4,9	(33,8)
CEVADA	134,5	121,5	(9,7)	2.907	3.794	30,5	391,0	461,0	17,9
TRIGO	3.473,4	3.068,8	(11,6)	2.331	2.870	23,1	8.096,8	8.807,3	8,8
TRITICALE	22,9	18,3	(20,1)	2.454	2.989	21,8	56,2	54,7	(2,7)
SUBTOTAL	4.247,5	3.830,9	(9,8)	2.279	2.762	21,2	9.682,0	10.579,8	9,3
BRASIL (2)	78.546,6	79.819,5	1,6	4.072	3.739	(8,2)	319.811,7	298.411,0	(6,7)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2024.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2022/23 e 2023/24		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4.791,3	5.376,9	12,2	3.500	3.504	0,1	16.768,0	18.841,5	12,4
RR	146,7	141,8	(3,3)	3.389	3.544	4,6	497,1	502,5	1,1
RO	947,8	1.028,3	8,5	3.965	4.039	1,9	3.757,6	4.153,4	10,5
AC	63,9	65,3	2,2	3.003	2.977	(0,9)	191,9	194,4	1,3
AM	19,8	34,2	72,7	2.783	3.012	8,2	55,1	103,0	86,9
AP	12,4	11,6	(6,5)	1.968	2.078	5,6	24,4	24,1	(1,2)
PA	1.587,4	1.893,9	19,3	2.916	3.259	11,8	4.629,0	6.171,9	33,3
TO	2.013,3	2.201,8	9,4	3.781	3.494	(7,6)	7.612,9	7.692,2	1,0
NORDESTE	9.528,5	9.660,9	1,4	3.114	2.921	(6,2)	29.673,0	28.218,5	(4,9)
MA	1.900,0	2.061,8	8,5	3.875	3.634	(6,2)	7.361,8	7.492,2	1,8
PI	1.925,6	1.854,5	(3,7)	3.531	3.121	(11,6)	6.799,7	5.787,5	(14,9)
CE	954,4	971,5	1,8	488	864	77,2	465,4	839,4	80,4
RN	99,0	118,4	19,6	566	331	(41,5)	56,0	39,2	(30,0)
PB	219,3	225,4	2,8	696	465	(33,2)	152,6	104,7	(31,4)
PE	387,0	367,8	(5,0)	773	951	23,0	299,2	349,7	16,9
AL	96,7	90,8	(6,1)	2.041	2.303	12,8	197,4	209,1	5,9
SE	189,2	190,2	0,5	4.963	5.140	3,6	939,0	977,6	4,1
BA	3.757,3	3.780,5	0,6	3.567	3.285	(7,9)	13.401,9	12.419,1	(7,3)
CENTRO-OESTE	34.812,1	35.516,2	2,0	4.667	4.061	(13,0)	162.468,4	144.240,6	(11,2)
MT	21.210,6	21.678,1	2,2	4.761	4.300	(9,7)	100.980,2	93.209,4	(7,7)
MS	6.320,4	6.383,6	1,0	4.438	3.128	(29,5)	28.050,4	19.966,2	(28,8)
GO	7.102,6	7.275,2	2,4	4.593	4.160	(9,4)	32.619,1	30.266,8	(7,2)
DF	178,5	179,3	0,4	4.587	4.452	(2,9)	818,7	798,2	(2,5)
SUDESTE	6.987,2	6.916,2	(1,0)	4.328	3.626	(16,2)	30.238,4	25.076,4	(17,1)
MG	4.342,9	4.260,5	(1,9)	4.306	3.773	(12,4)	18.702,4	16.075,7	(14,0)
ES	24,3	25,6	5,3	2.477	2.676	8,0	60,2	68,5	13,8
RJ	3,2	2,7	(15,6)	3.313	3.333	0,6	10,6	9,0	(15,1)
SP	2.616,8	2.627,4	0,4	4.381	3.396	(22,5)	11.465,2	8.923,2	(22,2)
SUL	22.427,5	22.349,3	(0,3)	3.597	3.671	2,1	80.663,9	82.034,0	1,7
PR	10.744,9	10.519,4	(2,1)	4.285	3.605	(15,9)	46.037,2	37.920,2	(17,6)
SC	1.383,9	1.424,5	2,9	5.091	4.922	(3,3)	7.045,7	7.011,6	(0,5)
RS	10.298,7	10.405,4	1,0	2.678	3.566	33,1	27.581,0	37.102,2	34,5
NORTE/NORDESTE	14.319,8	15.037,8	5,0	3.243	3.129	(3,5)	46.441,0	47.060,0	1,3
CENTRO-SUL	64.226,8	64.781,7	0,9	4.256	3.880	(8,8)	273.370,7	251.351,0	(8,1)
BRASIL	78.546,6	79.819,5	1,6	4.072	3.739	(8,2)	319.811,7	298.411,0	(6,7)

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2024.



INTRODUÇÃO

Apresentamos o último boletim da safra de grãos 2023/24. A partir do próximo levantamento traremos informações da safra 2024/25, mas sem deixar de atualizar os resultados das culturas de inverno e terceira safras, que ainda estão em campo.

Apesar dos desafios apresentados nessa safra aos produtores, tanto climáticos quanto de planejamento, a produção dessa temporada se configura como a segunda maior da série histórica da Conab.

Assim, essa safra se mostrou como uma das mais difíceis de se fazer previsão. Nesse ponto, teve papel imprescindível a equipe da Conab, levantando informações junto aos colaboradores - agradecimento especial a todos os informantes que auxiliam nas estimativas e participam das estatísticas oficiais da produção agrícola brasileira, e também participando de importantes trabalhos, como levantamentos objetivos de produtividade e mapeamentos de áreas, possibilitando maior assertividade e tempestividade dos dados.

Salienta-se que as estimativas refletem a expectativa de produção no mês anterior à publicação do boletim, levando em consideração as condições climáticas acontecidas e esperadas até o final do cultivo. Assim, há a

possibilidade de alteração nos números em caso de condições climáticas adversas ou excepcionalmente favoráveis.

Como parte da metodologia, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab. Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, a partir das interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) e a partir de investigações de campo, tanto subjetivas, contando com a colaboração da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direto nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção, são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos, situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados da safra, sobretudo os ligados ao georreferenciamento e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa planilha de safra, disponível para download em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/boletim-da-safra-de-graos>.

Recomendamos a leitura do Boletim de Monitoramento Agrícola, publicado regularmente em <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/monitoramento-agricola> e do Progresso de Safra, disponível em <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progresso-de-safra> para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE AGOSTO

Em agosto de 2024, foram observados acumulados de chuva acima de 150 mm no Noroeste e Extremo-Sul do país. Chuvas entre 40 mm e 120 mm ocorreram na Região Sul e costa leste da Região Sudeste e do Nordeste, bem como no norte da Região Norte. Nas demais áreas, as chuvas foram inferiores a 30 mm, e os níveis de água no solo foram baixos, principalmente no interior da Região Nordeste.

Na Região Norte, os volumes de chuva foram superiores a 40 mm em Roraima, Amapá e norte do Amazonas e Pará, onde o armazenamento hídrico do solo permanece satisfatório. No sul da região amazônica, ainda está em seu período seco, e em localidades do Tocantins e Rondônia não houve registro de chuva, e os níveis de umidade do solo se encontram baixos.

Já na Região Nordeste, os maiores volumes de chuva foram observados na parte costeira de Alagoas, Sergipe e Bahia, com valores superiores a 40 mm. No interior do Nordeste e em parte do Matopiba, os volumes de chuva

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet - Brasília.

foram inferiores a 30 mm e em localidades do Piauí e oeste da Bahia não foi registrada chuva. Apesar da redução das chuvas, as condições seguem favoráveis para a maturação e colheita do algodão.

Em grande parte da Região Centro-Oeste houve o predomínio de tempo seco, acarretando em baixos níveis de umidade no solo, exceto no Mato Grosso do Sul, onde foram registrados volumes de chuva entre 30 mm e 50 mm. De modo geral, as condições permanecem favoráveis para a finalização da colheita do milho segunda safra e para a qualidade do algodão.

Na Região Sudeste foram observados acumulados de chuva acima de 40 mm sobre o leste de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Nas demais áreas, os volumes foram mais baixos e em algumas localidades do oeste de Minas Gerais não foram registradas chuvas, havendo uma redução da umidade do solo. Apesar deste cenário, as condições permanecem favoráveis para a maturação e colheita do milho segunda safra e do trigo.

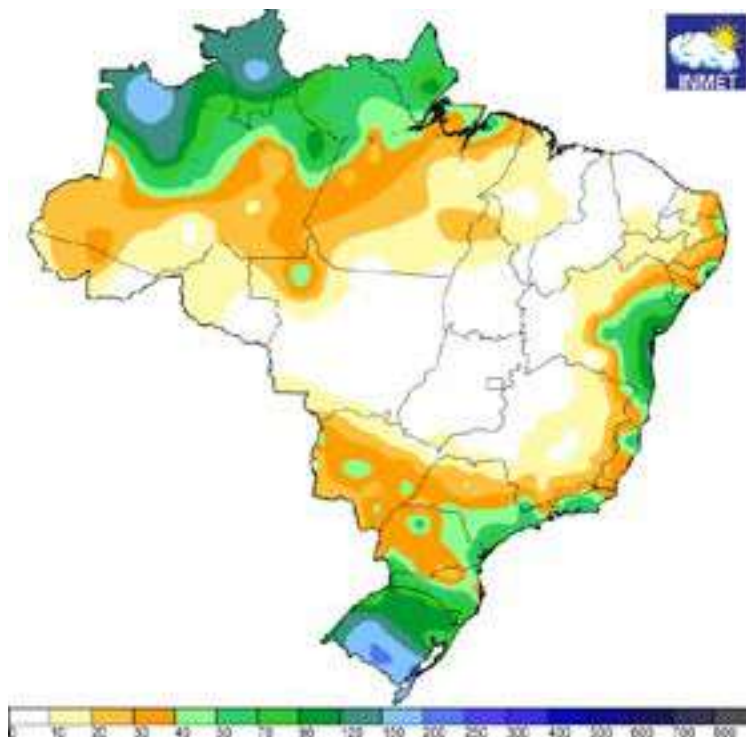
Na Região Sul, os volumes de chuva foram superiores a 120 mm em grande parte do Rio Grande do Sul e áreas pontuais de Santa Catarina, enquanto no Paraná, os valores ficaram entre 40 mm e 70 mm. Dessa forma, os níveis de umidade do solo se encontram favoráveis para o manejo e desenvolvimento dos cultivos de inverno na maior parte da região.

Em agosto, as temperaturas máximas foram superiores a 28 °C nas Regiões Centro-Oeste, Norte e parte oeste das Regiões Nordeste e Sudeste. Destaques para as áreas localizadas no sudeste do Pará, Tocantins e sul do Maranhão, onde foram registradas máximas entre 32 °C e 36 °C. No sul do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, as temperaturas foram inferiores a 24 °C.

Quanto às temperaturas mínimas, foram inferiores a 14 °C na Região Sul, parte da Região Sudeste e sul do Mato Grosso do Sul. No sudeste do Paraná,

leste de Santa Catarina, nordeste e sul do Rio Grande do Sul, bem como áreas de maior altitude da Região Sudeste, as temperaturas foram inferiores a 10 °C. Na Região Sul houve registros de temperaturas abaixo de zero e geadas fortes durante o mês. No dia 13 de agosto houve registro de geada forte em Bom Jesus (RS), com temperatura mínima de $-2,2$ °C.

FIGURA 1 - ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM AGOSTO DE 2024



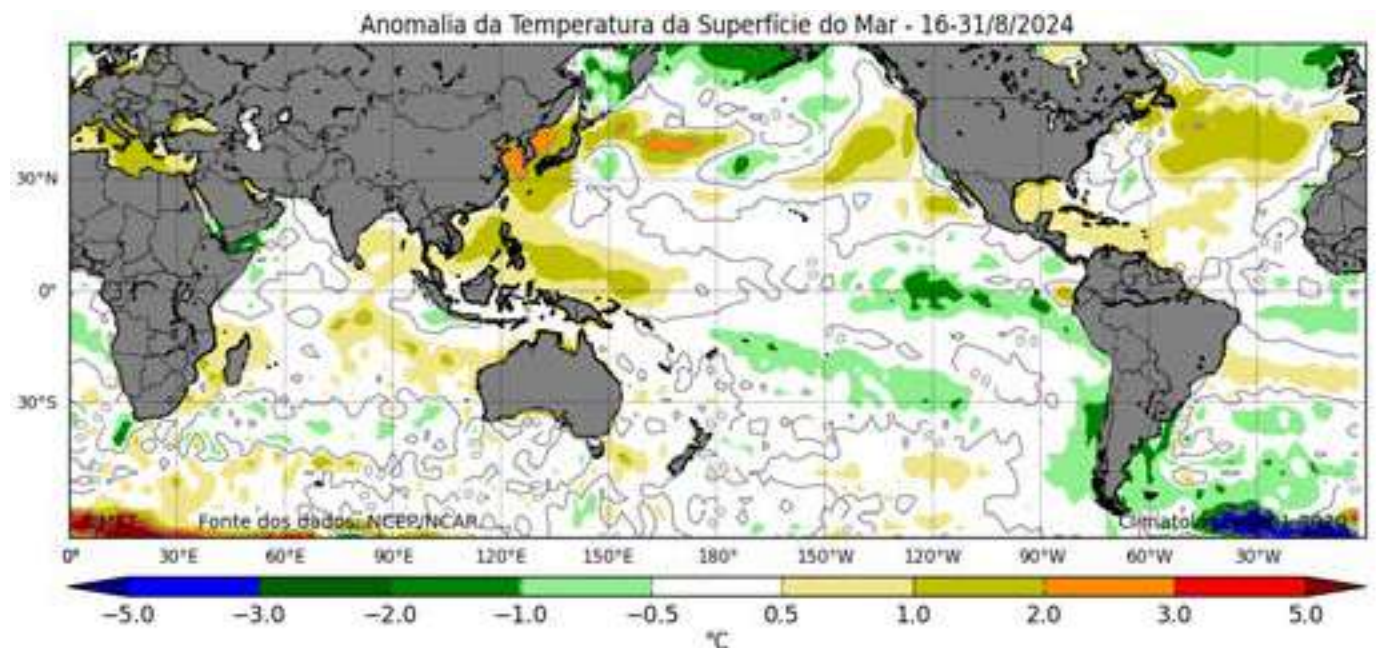
Fonte: Inmet.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na figura abaixo é mostrada a anomalia de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) entre os dias 16 e 31 de agosto de 2024. Foram observados valores de anomalias entre $-0,3$ °C e $0,5$ °C em toda a faixa do Pacífico Equatorial, valores inferiores aos observados durante o mês passado. Considerando somente a região do Niño 3.4 (área entre 170° W e 120° W), as anomalias médias positivas de TSM têm apresentado um decréscimo acentuado

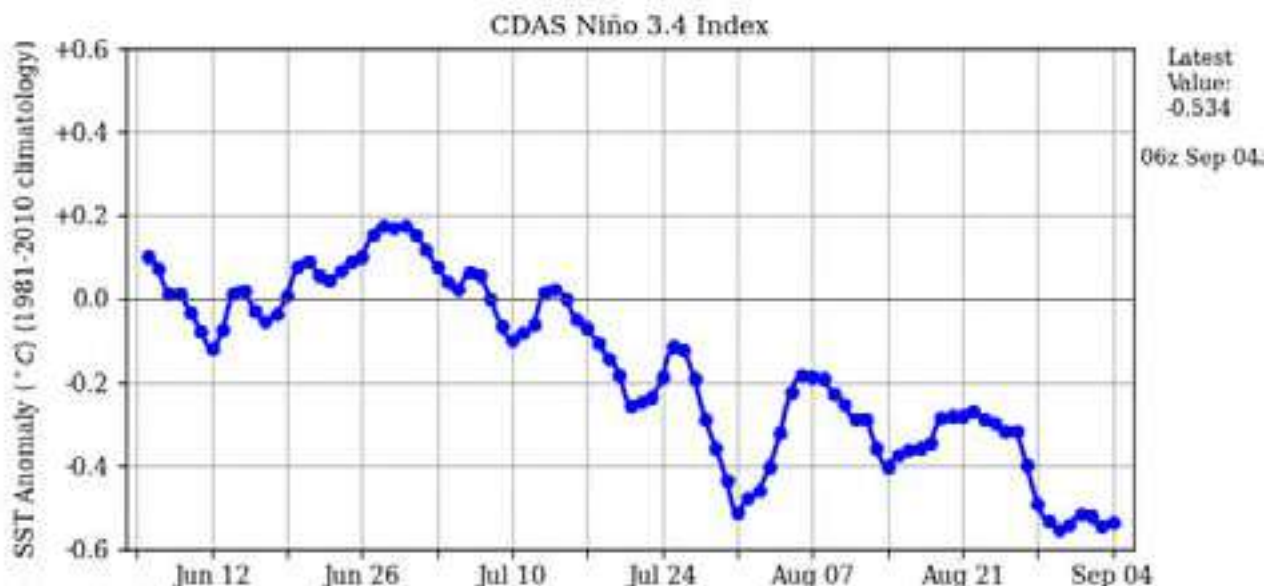
desde o início de abril, indicando o fim do fenômeno El Niño. A partir da segunda quinzena de julho, até o momento, os valores vêm se mantendo abaixo de zero, porém vêm permanecendo superiores a $-0,5\text{ }^{\circ}\text{C}$, persistindo as condições de Neutralidade.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 31 DE AGOSTO DE 2024



Fonte: NCEP/NCAR.

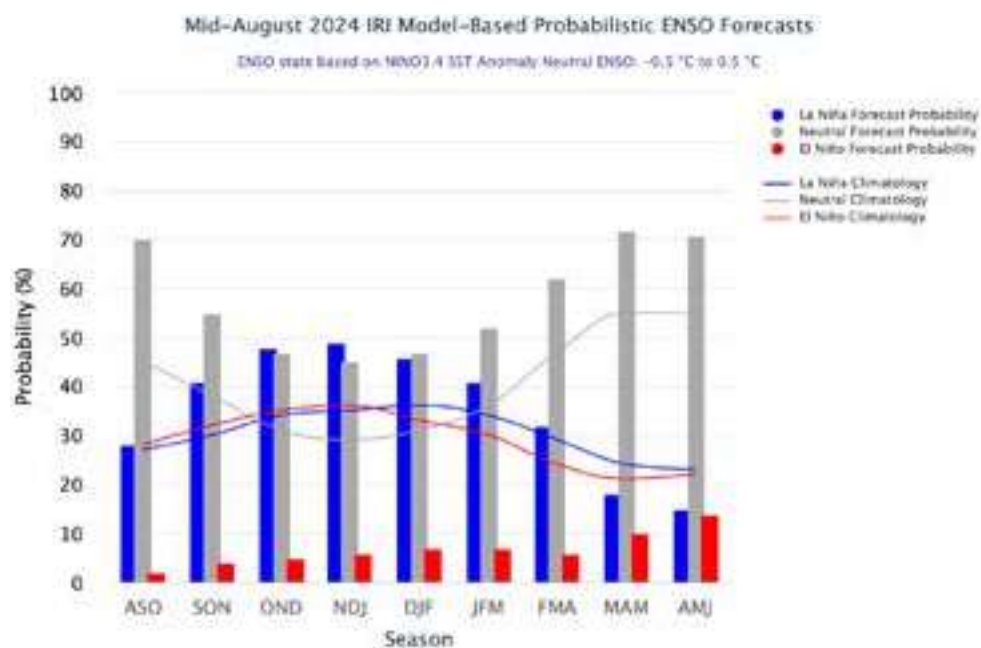
GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta para condições de Neutralidade durante os trimestres - agosto, setembro e outubro - setembro, outubro e novembro - com probabilidades iguais a 70% e 55%, respectivamente. Entretanto, a partir do trimestre outubro, novembro e dezembro, o modelo aponta uma transição para o fenômeno La Niña (resfriamento anômalo das águas do Pacífico Equatorial), com 48% de probabilidade.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO SETEMBRO, OUTUBRO E NOVEMBRO DE 2024

A previsão climática do modelo do Inmet, para os próximos três meses, é mostrada na figura abaixo. O modelo indica chuvas abaixo da média no Centro-Norte do país. Chuvas acima da média são previstas para a Região Sul,

em áreas do sul do Mato Grosso do Sul e de São Paulo, Mato Grosso, bem como no oeste do Amazonas e do Pará. Com o período seco, estabelecido no Brasil Central, os níveis de água no solo vêm sofrendo redução, principalmente no interior da Região Nordeste, norte de Minas Gerais, noroeste de São Paulo, Goiás, Tocantins e leste do Mato Grosso.

Analisando separadamente cada região do país, tem-se que para a Região Norte, a previsão é de irregularidade espacial das chuvas, com chuvas acima da média no Acre, oeste do Pará e do Amazonas, além do norte de Roraima. Nas demais áreas, os volumes de chuva podem ficar próximos ou abaixo da média histórica, o que pode reduzir os níveis de umidade do solo nos próximos meses, principalmente no leste e nordeste da região amazônica.

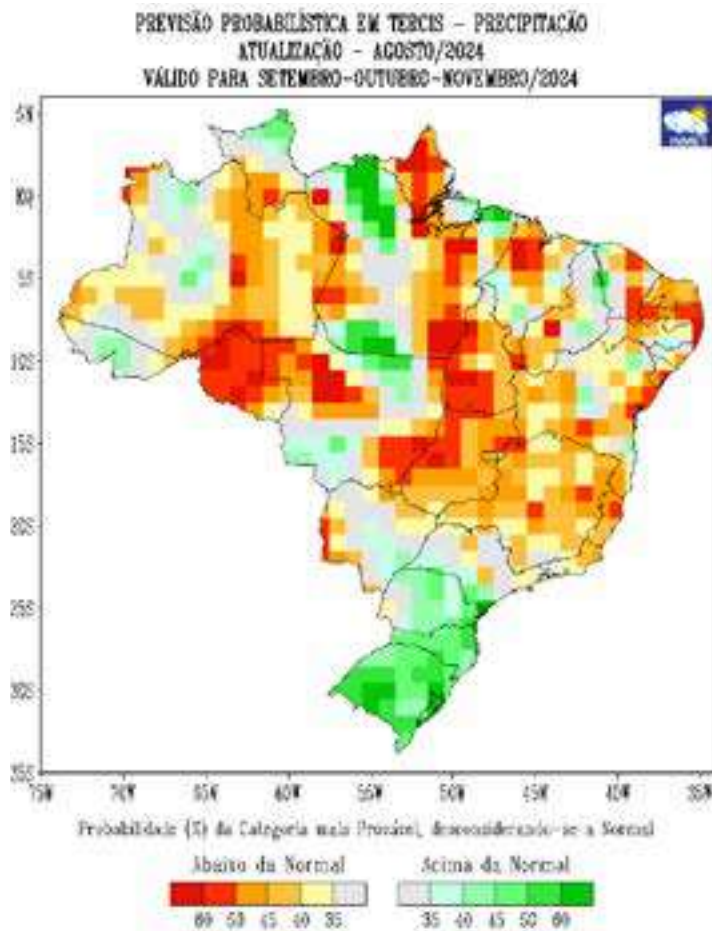
Na Região Nordeste, há previsão de chuvas abaixo da média em grande parte da região. Este cenário contribui para a redução do armazenamento hídrico do solo. Climatologicamente, o período chuvoso da faixa leste da Região Nordeste chega ao fim, portanto, nos próximos meses os volumes previstos serão mais baixos nessa área.

Em grande parte das regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo do Inmet indica chuvas abaixo da média, que ainda irão contribuir para a permanência de baixos níveis de água no solo, principalmente entre setembro e outubro. Em áreas do sul de São Paulo e sudeste do Mato Grosso do Sul, além de áreas pontuais do Mato Grosso, podem ocorrer chuvas próximas ou ligeiramente acima da média, com chances do retorno gradual das chuvas para a parte central entre meados de outubro e início de novembro.

Na Região Sul, são previstas chuvas acima da média, e os níveis de água no solo permanecerão elevados devido às chuvas ocorridas nos últimos meses. Porém, o oeste do Paraná poderá sofrer redução dos níveis de umidade no solo, principalmente em setembro.

Em relação à temperatura média do ar, o modelo continua indicando temperaturas acima da média climatológica em praticamente todo o país, especialmente em áreas do Matopiba e sudeste do Pará, onde os valores médios podem ultrapassar os 28 °C. Em áreas pontuais do leste do Nordeste, sul de Minas Gerais, Rio de Janeiro, leste de São Paulo, sul do Mato Grosso do Sul, além de grande parte da Região Sul, as temperaturas devem variar entre 17 °C e 22 °C. Já em áreas serranas das Regiões Sul e Sudeste, as temperaturas podem ser inferiores a 15 °C, pois não se descarta a entrada de massas de ar frio que ainda podem causar declínio da temperatura mínima.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE AGOSTO, SETEMBRO E OUTUBRO DE 2024



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (<https://portal.inmet.gov.br>)

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.944,2 mil ha

16,9%

PRODUTIVIDADE

1.879 kg/ha

-1,5%

PRODUÇÃO

3.654 mil t

15,1 %

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.174,7	1.708	2.005,8
2018/19	1.618,2	1.717	2.778,8
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.905	3.169,9
2023/24	Ago./24	1.944,1	3.664,0
	Set./24	1.944,2	3.654,0

Fonte: Conab.

À medida que a safra se aproxima do fim, diversos estados concentram o manejo pós-colheita na destruição das soqueiras assim como no controle de pragas. Com o avanço da colheita, os dados tornam-se mais precisos, resultando em ajustes nas estimativas por estado, especialmente, neste levantamento, em Goiás. Isso levou a uma produção de fibra ligeiramente superior à projeção anterior, atingindo aproximadamente 3.654 mil toneladas.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: o tempo seco contribuiu para o avanço da colheita bem como para a conservação da qualidade da fibra.

Quanto ao rendimento da safra atual, o desempenho é satisfatório, e, tanto a produtividade quanto a qualidade das fibras, mantiveram-se de acordo com os padrões projetados diante do alto investimento.

A maior parte das lavouras se encontra no estágio de maturação, praticamente em ponto de colheita. Com o aproximar do final da safra, o manejo se concentra, principalmente, na destruição das soqueiras e nas aplicações frequentes de defensivos para o controle da mosca-branca e do bicudo, visto que para este, a vigília é permanente, até mesmo na entressafra.

Ponto de destaque para esta cultura nesta safra foi a ampliação na área plantada. Diante de um cenário desfavorável, marcado por problemas climáticos no início da temporada, como calor excessivo e estiagem, que afetaram a soja, e por dificuldades no mercado, especialmente para o milho na segunda safra devido aos baixos preços dessas commodities, o algodão emergiu como uma alternativa viável para garantir uma safra de alto valor agregado.

Bahia: nos últimos trinta dias não houve registro de chuva. A falta de precipitações e alta luminosidade favorecem a maturação e colheita das lavouras.

Estima-se aumento da área em relação à safra passada. Essa expansão do cultivo pode ter ocorrido devido aos bons resultados obtidos na safra anterior e expectativa do aumento do mercado internacional.

A redução de produtividade nesta safra em relação à passada deve-se às condições climáticas menos favoráveis apresentadas. E a alta na produtividade em relação ao décimo primeiro levantamento deve-se ao resultado obtido com o avanço da colheita.

As lavouras de sequeiro e irrigado seguem com bom desenvolvimento, havendo no campo áreas em formação de maçãs, maturação e colheita. Há focos de pragas (mosca-branca, tripes, larva minadora, bicudo e spodoptera) em um grau que não causa perdas produtivas.

Mato Grosso do Sul: a colheita está concluída, mas as operações de destruição de soqueira seguem em execução e deverão ser encerradas até a primeira quinzena de setembro, quando inicia o vazio sanitário do algodão na região norte.

Aproximadamente metade da produção foi transportada para as algodoiras e pesada, até o momento, mas há indicativo que a produtividade final será ligeiramente maior que a estimada no levantamento anterior devido às lavouras conduzidas em segunda safra estarem apresentando rendimento superior ao que se previa. Além disso, com um montante da produção já comercializada, os cotonicultores seguem cumprindo com os contratos firmados no início desta safra.

Goiás: as lavouras de sequeiro foram todas colhidas, enquanto que as áreas irrigadas começaram a colheita em agosto, devendo estender-se até a primeira quinzena de setembro.

No sudoeste, quase a totalidade das lavouras já está colhida, restando apenas as áreas remanescentes de segunda safra sob pivô central. As áreas em final de ciclo apresentam boas condições, até o momento. Na região leste, maior polo produtor, o rendimento é bastante satisfatório.

A qualidade da fibra colhida já beneficiada apresenta bons padrões e, praticamente, toda a produção já foi comercializada.

Devido ao incremento de produtividade na região leste, a produtividade, em comparação ao levantamento passado, apresentou acréscimo. Os fatores climáticos, somados ao bom manejo operacional, foram determinantes neste acréscimo.

As condições para as áreas de sequeiro foram ideais, assim como nas áreas remanescentes irrigadas, e boa parte está na fase de maturação, com condições climáticas favoráveis neste ciclo final. Agora, na fase final de ciclo, praticamente todas as lavouras interromperam a irrigação. Não ocorreram registros de baixa temperatura ocorrida no período noturno que tenha prejudicado as lavouras remanescentes.

Maranhão: o cultivo da primeira safra foi realizado entre dezembro de 2023 e janeiro de 2024, nos municípios de Balsas e Tasso Fragoso, nos Gerais de Balsas.

Na primeira safra, a área de plantio foi de 22,4 mil hectares, com aumento em relação ao ano anterior. A produtividade obtida foi abaixo da esperada devido às condições climáticas, com falta de chuvas e altas temperaturas,

que anteciparam o ciclo da cultura e reduziram o peso da pluma, bem como prejudicaram a formação do ponteiro.

A segunda safra, cultivada em Balsas, teve a semeadura realizada entre a segunda quinzena de janeiro e a primeira quinzena de fevereiro de 2024, após a finalização da colheita da soja.

A colheita das lavouras da segunda safra iniciou em julho de 2024, com previsão de finalização até o início de setembro.

Na safra 2023/24, a área de plantio da segunda safra de algodão é de 10,3 mil hectares, com aumento em relação ao ano anterior devido à substituição de área de outras culturas, como soja e milho.

Tocantins: algumas regiões estão cultivando o algodão segunda safra em áreas de primeiro ano.

Nesta safra ocorreu uma maior infestação por bicudo, assim como por ataques de lagartas, que podem estar relacionadas à destruição inadequada de plantas no fim do ciclo de cultivo, que contribuiu significativamente para a multiplicação da praga. A permanência de plantas de algodão nas lavouras de soja acaba criando um ambiente propício para o desenvolvimento do inseto.

Em Dianópolis, um pouco mais da metade da área foi colhida, com queda de produtividade, atribuída ao ataque de pragas, principalmente, o bicudo-do-algodoeiro, ácaros, lepidópteros e mosca-branca. A qualidade da pluma é considerada boa, e a colheita está lenta devido à falta de maior quantidade de máquinas.

Em Tocantínia, foi colhida um pouco mais da metade da área, e há redução na produtividade na safrinha na região. Em Campos Lindos, a colheita ganha ritmo e se aproxima do final. O algodão safrinha está com a colheita finalizada na região de Nova Rosalândia.

Esta safra atípica, com uma maior infestação por bicudo, apesar do controle realizado. Também houve a ocorrência de veranicos.

Minas Gerais: a colheita caminha para a reta final nas áreas irrigadas, e finalizadas nas áreas de sequeiro.

Apesar do excesso de chuvas em março, que prejudicou as maçãs do baixeiro, o clima, no geral, foi favorável à cultura, que vem apresentando produtividades superiores às esperadas no momento do plantio.

A produção foi superior ao obtido na safra passada.

Piauí: por se tratar de uma cultura de primeira safra, sua implantação e desenvolvimento ocorre no período do ano, onde se verifica os maiores índices pluviométricos no estado, permitindo assim que se conduza a lavoura em condições favoráveis, possibilitando que a cultura expresse seu maior potencial produtivo.

Confirma-se o aumento significativo de área, tanto com ampliação de áreas que já cultivam a cultura como incorporação de novas áreas, sobretudo, em substituição a áreas de milho, situação que deve continuar se observando nas próximas safras.

Nesta safra, houve previsão inicial de problemas climáticos ocasionando deficit hídrico em decorrência do fenômeno El Niño, que não se confirmou, e as lavouras se desenvolveram em boas condições.

As lavouras se desenvolveram em boas condições, favorecidas pelas condições climáticas, resultando numa produtividade superior à da safra anterior. A colheita continua avançando, já finalizada em muitas áreas, restando apenas algumas áreas onde há limitação na disponibilidade de colhedoras, com isso, o ritmo de colheita tem sido mais lento.

Embora apresente uma área de cultivo não tão significativa, o cenário nos últimos anos tem se mantido promissor para a cultura, com perspectiva de aumento significativo de área.

Ceará: o baixo índice pluviométrico de janeiro fez com que alguns produtores plantassem em áreas de baixada e estas foram alagadas com as chuvas nos meses seguintes. Perdeu-se também a possibilidade de plantio em áreas de vazante.

As chuvas foram, em média, boas, mas se concentraram em alguns dias específicos, fato que impactou significativamente no rendimento das culturas, de forma geral, devido aos períodos de seca durante a fase de desenvolvimento das culturas.

Houve queda no rendimento nos cultivos de sequeiro devido ao relatado na parte climática. A área que anteriormente era usada para plantio de algodão foi usada para plantio de soja e milho em grão. De modo geral, a cultura se desenvolve bem, sem relatos significativos de pragas.

Paraíba: a semeadura está quase finalizada, entretanto, com o final do período chuvoso, mesmo nas mesoregiões litorâneas, e sem o apontamento de novos plantios, a área semeada com a cultura deve ser inferior à intenção de plantio inicial.

Quanto às fases fenológicas, a cultura se encontra com 43,4% em maturação e 32,9% já colhida, com o restante distribuída nas demais fases fenológicas.


Rio Grande do Norte: a cultura do algodão, que já foi um dos pilares da agricultura no estado, segue enfrentando dificuldades. As condições de mercado, associadas às adversidades climáticas, levaram a uma redução expressiva na área plantada em relação à série histórica.

Apesar das dificuldades, esforços continuam sendo feitos para revitalizar a cultura do algodão, por meio de políticas de incentivo e investimentos em tecnologias agrícolas que possam melhorar a produtividade e a viabilidade econômica dessa cultura no estado. Contudo, a perspectiva a curto prazo é de continuidade no cenário de baixa produção.

Rondônia: as chuvas de forma constante e distribuídas nas áreas de plantio foram suficientes para o desenvolvimento vegetativo e reprodutivo da cultura, com boa formação dos capulhos e ocorrendo até a abertura desses. A partir do início do período de estiagem e até a colheita, a escassez hídrica contribuiu para a melhoria da qualidade das fibras do produto.

As lavouras de algodão demonstraram vigor e bom desenvolvimento, com plantas encorpadas e de bom porte. Atualmente, as áreas de plantio encerraram o ciclo, e estão colhidas.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica																			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2023/2024																
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET						
RO	Leste Rondoniense	0,68			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C	C						
TO	Oriental do Tocantins	0,32		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	2,23		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C							
	Sul Maranhense - 2ª Safra					S/E/DV	DV	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C						
PI	Sudoeste Piauiense	0,86		S/E	E/DV	DV	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C	C						
BA	Extremo Oeste Baiano	20,80		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C						
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	45,87		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
Norte Mato-grossense - 2ª Safra					S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C						
MT	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,74		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra					S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C					
MS	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra					S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C					
MG	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra					S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C					
MS	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	13,99		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra					S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C					
GO	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,83		S/E/DV	DV	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra					S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C					
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,51	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
	Leste Goiano - 2ª Safra					S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C					
MG	Sul Goiano - 1ª Safra	1,48		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
	Sul Goiano - 2ª Safra					S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C					
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,67	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
	Noroeste de Minas - 2ª Safra					S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C					
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,68	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra					S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C					

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

As informações coletadas pela Conab neste levantamento apontam que a área destinada à produção de algodão cresceu 16,9% em comparação com a safra 2022/23, ocupando uma área estimada em aproximadamente 2 milhões de hectares. Este aumento de área permitiu à safra brasileira de algodão em pluma atingir um volume recorde estimado em 3,65 milhões de toneladas, posicionando o país como terceiro maior produtor mundial.

Embora a produtividade tenha sido um pouco menor que à da safra anterior, devido a fatores climáticos menos favoráveis, ainda assim o Brasil apresenta uma das melhores produtividades no mundo, graças às tecnologias de sementes, plantio e manejo da cultura. Sendo importante destacar o rígido controle fitossanitário antes, durante e pós-colheita, realizado pelos produtores.

O grande volume e qualidade da pluma produzida no país são fatores que ajudam a impulsionar cada vez mais as exportações desse produto, alçando a posição de maior exportador mundial de algodão em pluma. Além da boa qualidade, o seu preço competitivo permite a ele ter uma grande importância no mercado mundial. Até julho de 2024, as suas exportações alcançaram 1,56 milhões de toneladas, de acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). A expectativa é que sejam exportadas mais 1,29 milhão de toneladas até o final do ano, totalizando 2,85 milhões de toneladas.

No primeiro semestre tem se percebido que o consumo interno do algodão em pluma esteve um pouco mais fraco que o esperado. As indústrias têm realizado pequenas e pontuais aquisições, de acordo com suas necessidades imediatas. Além disso, há uma forte concorrência com as fibras sintéticas.

A expectativa é que, com a melhora no quadro econômico brasileiro, o consumo neste ano cresça 2,21% em relação ao ano anterior, atingindo 695 mil toneladas. Diante deste cenário, os estoques de algodão em pluma devem crescer 4,92%, atingindo o total de 2,31 milhões de toneladas.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	629,1	2.005,8	19,6	2.654,5	700,0	974,0	980,5
2018/19	980,5	2.778,8	1,7	3.761,0	720,0	1.613,7	1.427,3
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	680,0	1.618,2	2.197,2
2023/24	ago/24	2.197,2	3.644,0	1,0	5.842,2	695,0	2.317,2
	set/24	2.197,2	3.654,0	1,0	5.852,2	695,0	2.305,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2024.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.606,9 mil ha

+8,6%

PRODUTIVIDADE

6.587 kg/ha

-2,8%

PRODUÇÃO

10.585,3 mil t

+5,5%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.972,1	6.118	12.064,2
2018/19	1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20	1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21	1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22	1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23	1.479,6	6.781	10.033,3
2023/24	Ago./24	1.607,5	10.589,1
	Set./24	1.606,9	10.585,3

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Na safra 2023/24 houve influência das adversidades climáticas na produtividade das lavouras de arroz, com instabilidade durante o ciclo produtivo da cultura em muitas áreas pontuais no país, mas a qualidade dos grãos colhidos, no geral, foi satisfatória, com bons rendimentos também na quantidade de grãos inteiros.

Com a finalização da colheita nas regiões produtoras do país, observou-se um significativo incremento de área, tanto no cultivo do arroz de sequeiro

quanto sob irrigação, verificado principalmente nas áreas de plantio em Mato Grosso (sequeiro) e no sistema irrigado em Tocantins, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul, que, neste caso, apesar da situação de calamidade com a ocorrência das inundações, alagamentos e enxurradas, a cultura já estava quase totalmente colhida, e as lavouras semeadas dentro do período recomendado alcançaram produtividade bem acima da média.

A área de arroz irrigado foi estimada em 1.282,1 mil hectares, com aumento de 9%, comparando-se à safra anterior. Quanto ao arroz de sequeiro, houve um aumento de área em 7% em relação à safra 2022/23, estimada, para a safra 2023/24, em 324,8 mil hectares.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: desde a implantação das lavouras até o encerramento das operações de colheita houve condições meteorológicas adversas, que afetaram o rendimento produtivo da cultura. Diante disso, nesta safra, primeiramente o período de semeadura foi bem longo, de setembro de 2023 a janeiro de 2024, até mesmo havendo plantio fora da janela e atraso na colheita na área implantada, causando perdas, tanto quantitativas quanto qualitativas, assim como prejuízos devido à ocorrência de chuvas de granizo. Assim, levando-se em consideração o mapeamento agrícola e a produção total, após a colheita a estimativa de produtividade média das áreas semeadas foram inferiores ao projetado no início da safra. Contudo, as lavouras semeadas dentro do período recomendado alcançaram produtividade bem acima da média e naquelas semeadas dentro do período tolerado, a produtividade ficou muito próxima da média.

Já as lavouras semeadas fora da janela de plantio foram as mais prejudicadas, tanto em produtividade quanto pela ação das chuvas, enxurradas e alagamentos, que assolaram toda a área de produção no estado, já que várias áreas tiveram perda total, principalmente nas regiões Central, Campanha e no Vale do Rio Pardo, pois na fase final de colheita ocorreram impedimentos relacionados com a dificuldade de drenagem das áreas afetadas pelas enchentes, excesso de umidade no solo e dos grãos, além de plantas acamadas.

Tocantins: a colheita do arroz irrigado, primeira safra, foi finalizada e, após a realização do mapeamento agrícola, houve o ajuste da área cultivada nesta safra. Quanto às lavouras de segunda safra, o ciclo da cultura ocorreu com bom desenvolvimento, sem alta intercorrência de doenças, como a brusone, havendo a colheita em plena época de entressafra, onde o produto pôde receber melhores preços no mercado.

Maranhão: o plantio do arroz de sequeiro foi realizado entre a primeira quinzena de dezembro de 2023 e o final de fevereiro de 2024, enquanto que a colheita foi entre março e junho de 2024. Nas regiões da Baixada, do norte e centro Maranhense e no Médio Mearim, o cultivo foi mediante implantação do uso de cultivares de arroz irrigado melhoradas, em áreas planas onde ocorre inundação natural dos campos por águas das chuvas, sem controle de irrigação, com pacote tecnológico moderno e seguindo as boas práticas de manejo, alcançando as maiores produtividades médias das áreas produtoras do estado.

O tradicional cultivo de arroz de sequeiro é realizado em maior parte pela agricultura familiar, em plantios consorciados com milho, feijão-caupi e mandioca, em roça no toco, e é voltada para o consumo próprio, com pequena comercialização, além do cultivo para abertura de áreas para

plântio de soja, por médios e grandes agricultores, tornando em cultivo sazonal. A colheita foi concluída, observando-se nesta safra um incremento de área, principalmente nas áreas produtoras das regiões norte, leste e oeste do estado, em virtude dos preços atrativos praticados no mercado.

Minas Gerais: a cultura teve sua colheita finalizada nas áreas produtoras do estado em julho de 2024. Ocorreram perdas sobre as áreas de arroz de sequeiro no norte do estado, principalmente devido à irregularidade de chuvas durante o ciclo de desenvolvimento da cultura, contudo nas áreas de arroz irrigado observou-se bom desempenho produtivo das lavouras, com produtividade acima da média, comparada até mesmo com a safra anterior, além do incremento da área de arroz irrigado no estado.

Rondônia: as condições climáticas, com chuvas regulares e bem distribuídas em todas as áreas de produção durante as fases de desenvolvimento vegetativo e, principalmente, ao final do ciclo de produção, favoreceram o desenvolvimento das lavouras implantadas e resultaram em boa produtividade, refletindo em produção. As lavouras implantadas já estão com 100% colhidas, e há expectativas de aumento de área para a próxima safra.

Amazonas: as áreas de plantio se encontram totalmente colhidas, visto que em algumas áreas ocorreu a substituição por pastos, realizando o plantio do capim-braquiária.

Ceará: nas áreas de plantio do estado, com boas reservas de abastecimento hídrico, a cultura se desenvolveu bem e teve a colheita concluída, apesar de chuvas mais escassas em janeiro, e a ocorrência de veranicos nos períodos de chuvas, fato que impactou significativamente no rendimento das culturas, de forma geral, devido aos períodos de seca durante a fase

de desenvolvimento das culturas. Contudo, os reservatórios chegaram a registrar 56,9% da capacidade de armazenagem de água.

Distrito Federal: a colheita foi concluída, e o produto colhido apresenta boa qualidade. A área semeada com irrigação foi de 375 hectares, com produtividade média estimada em 7.100 kg/ha. Já a área com plantio de sequeiro foi de 100 hectares, com produtividade média estimada em 4.300 kg/ha, ressaltando que 70% dessas áreas é oriunda da agricultura familiar.

Goiás: a colheita do arroz irrigado no estado finalizou, havendo o incremento de áreas devido, principalmente, aos preços atrativos praticados no mercado. O calendário de plantio se estendeu, havendo semeadura de dezembro de 2023 a março de 2024, com alguns produtores realizando o plantio em regime de segunda safra.

As áreas de lavouras se concentraram na região sul, oeste, norte e pequenas áreas na região central do estado. Para o cultivo do arroz de sequeiro, ocorreram fatores que influenciaram na produtividade das lavouras, essencialmente a distribuição irregular das chuvas durante o ciclo da cultura e o aparecimento de ervas daninhas, com as chuvas em abril, em concorrência com as plantas por nutrientes do solo. Já o arroz irrigado, as doenças foram controladas, visto que a baixa umidade não favoreceu a ocorrência de doenças fúngicas.

Pará: com a colheita encerrada, as áreas produtoras do estado estão praticamente em pousio, com poucas áreas em semeadura para a próxima safra. Houve um leve acréscimo, tanto na área de produção quanto na produtividade das lavouras, apesar das instabilidades climáticas durante as janelas de plantio do arroz de sequeiro, que apresentou diminuição no rendimento produtivo das plantas.

Piauí: quanto ao arroz de sequeiro, o cultivo ocorre geralmente nas áreas da agricultura familiar e com maior frequência na região semiárida do estado, porém tem-se observado a implantação da cultura também na região norte em aberturas de áreas para cultivo de soja. O plantio teve início no segundo decêndio de dezembro, e a colheita está finalizada, apresentando produtividades abaixo da alcançada na safra anterior, uma vez que a safra apresentou áreas em situação ruins, onde houve a necessidade de replantio, apesar da lavoura ter se desenvolvido em boas condições, em sua maioria.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2023/2024										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RR**	Norte de Roraima	0,72					S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RO	Leste Rondoniense	0,62					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C	
TO**	Ocidental do Tocantins	4,71			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MA	Centro Maranhense	0,58					S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
MT	Norte Mato-grossense	2,91			S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO**	Leste Goiano	0,57		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
PR**	Noroeste Paranaense	1,17	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C		
SC**	Norte Catarinense	1,32	S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Vale do Itajaí	2,02	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Catarinense	7,45	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	6,20		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	4,08		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre	16,93		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	29,07		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	14,77		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**)=total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

Embora a Conab estime uma redução de produtividade de 2,8%, a produção de arroz, para a safra 2023/24, é estimada em 10,58 milhões de toneladas, um aumento de 5,5% em relação à estimativa de 10,03 milhões de toneladas da safra 2022/23. Esse crescimento é atribuído a um aumento de 8,6% na área plantada, que passou de 1,48 milhão de hectares para 1,6 milhão de hectares. No entanto, é importante destacar que eventos climáticos extremos recentes no Rio Grande do Sul resultaram na perda de áreas cultivadas e produtividade, o que limitou o crescimento da produção.

A estimativa de consumo foi elevada em 6,5%, passando de 10,33 milhões de toneladas para cerca de 11 milhões de toneladas. Este aumento baseia-se num cenário provável de políticas públicas que incentivem o consumo de arroz ao longo de 2024, além da expansão significativa do auxílio médio e do número de beneficiários do Programa Bolsa Família.

As exportações estão estimadas em 1,3 milhão de toneladas, redução de 25,9% em relação à safra anterior, que foi de 1,7 milhão de toneladas. Isso deve-se ao fato de os preços internos estarem acima das paridades de exportação, além da recuperação do potencial produtivo dos Estados Unidos, afetado na safra anterior.

Para a safra 2023/24, o Brasil deverá importar um volume recorde de aproximadamente 1,7 milhão de toneladas devido à estimativa de estoques reduzidos e à necessidade de recompor a oferta. Como mencionado, os estoques de passagem permanecem abaixo da média, estimados em 1,94 milhão de toneladas para a safra atual.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
Estoque final em 31 de dezembro	2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10.793,7	1.809,3	2.425,8	
	2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10.544,6	1.432,3	1.945,0	
	2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	10.708,3	1.813,4	1.887,5	
	2020/21	1.887,5	11.766,4	1.004,1	14.658,0	10.832,4	1.143,5	2.682,1	
	2021/22	2.682,1	10.780,5	1.212,3	14.674,9	9.996,6	2.111,3	2.567,0	
	2022/23	2.567,0	10.031,8	1.442,5	14.041,3	10.329,8	1.753,9	1.957,6	
	2023/24	ago/24	1.957,6	10.589,1	1.700,0	14.246,7	11.000,0	1.300,0	1.946,7
		set/24	1.957,6	10.585,3	1.700,0	14.242,9	11.000,0	1.300,0	1.942,9
Estoque final em 28 de fevereiro	2017/18	711,6	12.064,2	845,1	13.620,9	11.101,2	1.707,4	812,3	
	2018/19	812,3	10.483,6	1.037,7	12.333,6	10.780,3	1.365,7	187,6	
	2019/20	187,6	11.183,4	1.351,1	12.722,1	10.205,7	1.762,4	754,0	
	2020/21	754,0	11.766,4	895,1	13.415,5	10.802,1	1.311,1	1.302,3	
	2021/22	1.302,3	10.780,5	1.337,3	13.420,1	10.506,4	2.067,1	846,6	
	2022/23	846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9	
	2023/24	ago/24	407,9	10.589,1	1.700,0	12.697,0	11.000,0	1.300,0	397,0
		set/24	407,9	10.585,3	1.700,0	12.693,2	11.000,0	1.300,0	393,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2024.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).

**FEIJÃO****ÁREA**

2.856,3 mil ha

+5,8%

PRODUTIVIDADE

1.138 kg/ha

+1,1%

PRODUÇÃO

3.249,3 mil t

+7,0%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Pelo seu apelo alimentar, mercadológico e agrônômico, a cultura tem grande relevância na agricultura nacional. Nesse último quesito, tem papel fundamental no planejamento de calendário agrícola, justamente por possuir um ciclo fenológico considerado adequado ao seu plantio em uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra.

Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio de feijão, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2023/24










TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.061,2	1.212	1.286,4
2018/19	922,6	1.072	989,1
2019/20	914,5	1.209	1.105,6
2020/21	909,2	1.074	976,4
2021/22	909,3	1.036	941,8
2022/23	857,3	1.116	956,7
2023/24	Ago./24	861,1	942,3
	Set./24	861,1	942,3

Fonte: Conab.

A colheita da primeira safra de feijão, safra 2023/24, está finalizada.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2023/24								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PA	Nordeste Paraense	0,79					PS	S/E/DV	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
	Norte Piauiense	0,72				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
PI	Centro-Norte Piauiense	0,82				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sudoeste Piauiense	3,23				S/E/DV	E/DV/F	F/EG	M/C	C	
	Sudeste Piauiense	2,43				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Extremo Oeste Baiano	8,68			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	M/C	C	
BA	Vale São-Franciscano da Bahia	0,76			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Centro Sul Baiano	2,03			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Leste Goiano	5,43		S/E	S/DV/F	F/EG	EG/M/C	C			
GO	Sul Goiano	4,64		S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C				
	Norte Goiano	2,28		S/E	E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C			
DF	Distrito Federal	2,78		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C		

Continua

Legenda - Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2023/24								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
MG	Noroeste de Minas	7,23			S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Norte de Minas	1,36			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,24		S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,70		S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Oeste de Minas	0,84		S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul/Sudoeste de Minas	2,64		S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Campo das Vertentes	2,38		S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Zona da Mata	1,22		S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C			
SP	Assis	0,89		S/E	E/DV	F/EG/M	M/C				
	Itapetininga	1,29	S/E	E/DV	F/EG/M	EG/M/C	C				
	Macro Metropolitana Paulista	1,01		S/E	E/DV	F/EG/M	M/C				
	Norte Pioneiro Paranaense	1,26	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C				
PR	Centro Oriental Paranaense	4,09	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Oeste Paranaense	0,91	S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C				
	Sudoeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Centro-Sul Paranaense	2,11	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Sudeste Paranaense	9,69	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Metropolitana de Curitiba	5,02	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
SC	Oeste Catarinense	2,04	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Norte Catarinense	1,67	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Serrana	1,97	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	0,77	S/E	S/E/DV	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense	2,60			S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (*) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2023/24

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.532,7	793	1.216,0
2018/19	1.418,6	917	1.300,4
2019/20	1.423,0	875	1.244,7
2020/21	1.446,4	787	1.137,8
2021/22	1.419,1	945	1.341,1
2022/23	1.326,2	962	1.275,8
2023/24	Ago./24	1.524,4	1.504,6
	Set./24	1.528,2	1.512,2

Fonte: Conab.

As operações de colheita estão finalizadas em muitas regiões produtoras, e as poucas áreas que ainda apresentam lavouras em campo seguem em fase final de ciclo, na iminente conclusão da sega.

De maneira geral, a safra apresentou bom incremento na área plantada em comparação ao ano passado, principalmente pelos bons preços pagos pelo produto e por uma melhor adequação de uma cultura de ciclo curto, como o feijão, em um calendário que foi espremido pelo atraso das chuvas ainda na safra de verão.

Soma-se a isso, uma condição climática que, na média nacional, foi favorável ao desenvolvimento da cultura e que propiciou um rendimento médio superior a 2022/23.

FEIJÃO-COMUM CORES

Minas Gerais: a colheita foi concluída em julho. O clima mais seco, desta temporada, prejudicou o desenvolvimento pleno das lavouras bem como favoreceu ao ataque de pragas e doenças.

As lavouras plantadas mais precocemente sofreram com ataque de mosca-branca, advinda da soja, apresentando danos do mosaico dourado. Já as lavouras plantadas mais tardiamente sofreram danos maiores com a restrição hídrica a partir de abril, com o fim das chuvas.

Entretanto, no Sul de Minas, maior região produtora, as condições climáticas foram menos restritivas, contribuindo para uma maior manutenção da produtividade das lavouras.

Bahia: a colheita está chegando em sua reta final, com boa parte das lavouras, localizadas na região oeste do estado, que ainda estão em campo encontrando-se na fase de maturação e dessecação para iminente conclusão da colheita. De maneira geral, tal cultivo é conduzido por grandes produtores locais, com uso de áreas extensas e que empregam alta tecnologia no manejo da cultura, especialmente com adoção de irrigação suplementar.

Houve bom incremento sobre as estimativas de produtividade média nesse último levantamento em virtude das ótimas condições fitossanitárias (baixa pressão de mosca-branca) e climáticas (principalmente com alta luminosidade e temperaturas noturnas mais amenas, diminuindo as perdas hídricas por evapotranspiração da cultura). Isso deve potencializar o resultado final da safra, com perspectiva de bom crescimento em comparação à temporada passada, também pelo aumento de área plantada neste ciclo atual.

Mato Grosso do Sul: a colheita foi concluída no último mês, confirmando o aumento de área em comparação a 2022/23, porém as adversidades climáticas (especialmente no quesito pluviométrico, com índices de chuvas bem inferiores ao desejado nas fases mais críticas da cultura) e a maior pressão de lagartas em algumas áreas impactaram consideravelmente o potencial produtivo das lavouras.

Rondônia: a colheita está encerrada no estado, apresentando um resultado final inferior aquele visualizado na safra passada, tanto pela diminuição de área plantada como também pela redução na produtividade média, justificada, principalmente, pelas oscilações climáticas que, no fim do ciclo, demonstrou severa restrição pluviométrica, algo que impactou as lavouras nas fases críticas da formação e maturação dos grãos.

São Paulo: a colheita está finalizada no estado. Houve redução do potencial produtivo em virtude de alta pressão de mosca-branca, ocasionando danos às lavouras com a inoculação do vírus do mosaico dourado, bem como perdas relacionadas ao estresse hídrico, com chuvas escassas e que impõem baixos níveis de umidade nos solos, afetando, por consequência, a disponibilidade de água para as plantas.

Paraíba: a estabilização das chuvas na Zona da Mata e Borborema permitiu a intensificação do plantio no litoral. Até o final de agosto, cerca de 90% da intenção total de área já havia sido semeada no estado, restando apenas algumas áreas mais tardias na região da Zona da Mata.

A cultura enfrentou certa limitação no seu potencial produtivo, principalmente pelos registros de severo ataque de lagartas em diversas fases fenológicas, prejudicando seu desenvolvimento e, em alguns casos, exigindo replantio, principalmente no Alto Sertão.

Grande parte das lavouras mais precoces já está em fase de colheita, totalizando cerca de 70% da área total segada.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Rio Grande do Sul: a colheita foi finalizada ainda no mês passado, confirmando um aumento na área plantada em relação a 2022/23, mas com forte decréscimo na produtividade média em virtude das adversidades climáticas em fases importantes do ciclo, prejudicando o resultado final da safra.

De maneira geral, o ciclo começou com períodos de estiagem entre o final de janeiro e início de fevereiro, prejudicando a implantação, germinação e desenvolvimento inicial da cultura. Mas houve retorno das chuvas a partir da segunda metade de fevereiro, proporcionando bom desenvolvimento vegetativo das plantas. Durante a floração e enchimento dos grãos o tempo também foi benéfico para a cultura, e apresentava bom potencial produtivo.

A colheita começou em abril, e as primeiras áreas colhidas tiveram bons resultados, mas no final de abril e durante maio foram registradas chuvas recorrentes e muito volumosas nas regiões produtoras, condição que impediu a colheita e provocou a degradação qualitativa dos grãos (foi observada a germinação e apodrecimento dos grãos em muitas lavouras). Muitas lavouras foram abandonadas e não foram colhidas.

FEIJÃO-CAUPI

Ceará: as operações de colheita foram concluídas em agosto. Houve estabilidade na destinação de área para o plantio da cultura quando comparada ao ano passado. Contudo, o rendimento médio experimentou bom incremento, especialmente pelas melhores condições climáticas observadas durante grande parte do ciclo.

Paraíba: as recentes chuvas na Zona da Mata e Borborema permitiram a intensificação do plantio no litoral. Até o final de agosto 97% da intenção total de área já havia sido semeada no estado, restando apenas algumas áreas mais tardias na região da Zona da Mata.

Quanto às condições gerais das lavouras, além dos registros de ataque de lagartas em muitas lavouras, houve também uma limitação de evolução nas áreas em fase reprodutiva, que enfrentaram chuvas em excesso para a cultura, que é mais sensível a maiores volumes hídricos. Assim, estima-se perda no potencial produtivo.

Mato Grosso: a safra está concluída, e os resultados confirmam as estimativas anteriores de bom incremento sobre a área plantada (principalmente pela substituição de cultivo em áreas de milho e outras graníferas de segundo ciclo que tiveram sua janela ideal de plantio estrangulada pelo atraso na colheita das culturas de verão) e uma produtividade média ligeiramente inferior a 2022/23, mas que se manteve em patamares considerados satisfatórios para o produto na região.

Bahia: a colheita está encerrada. A limitação pluviométrica impactou os resultados do feijão-caupi, quando comparado à última safra, apesar da maior rusticidade e tolerância ao deficit hídrico.

Constatou-se aumento de área cultivada em relação à safra passada, principalmente pelas melhores condições de mercado para a cultura neste período.

Pernambuco: a cultura teve sua colheita concluída em julho, com resultados superiores ao ciclo passado devido às boas precipitações, que foram distribuídas dentro ou acima da média, desde fevereiro, resultando em ótimo desenvolvimento das lavouras.

As boas condições climáticas favoreceram o aumento de produtividade, resultando em uma produção de 19,8% maior que o ciclo passado.

Tocantins: nas lavouras de sequeiro, a colheita se encerrou ainda em julho. Já nas áreas irrigadas, localizadas em regiões de várzeas (irrigada pela elevação do lençol freático), o ciclo segue em andamento, por conta de seu plantio mais tardio em relação às áreas de terras altas. Ali, as operações de sega já começaram, e as lavouras remanescentes em campo seguem em fase de maturação, preparando-se para a colheita iminente.

De maneira geral, as condições climáticas para esse cultivo sob irrigação têm sido muito boas, algo que tem potencializado a capacidade produtiva do grão, obtendo rendimentos acima do esperado.

Há também o destaque sobre a área plantada, especialmente nas lavouras irrigadas, que cresceu em comparação às primeiras estimativas desse ciclo, bem como sobre o total semeado na temporada 2022/23. Questões de mercado, de planejamento do calendário de plantio e colheita e de fatores climáticos formam alguns dos fatores que explicam esse incremento. Vale ressaltar que esse incremento de área irrigada também impactou na estimativa mais positiva de produtividade média em relação à temporada passada, já que as lavouras irrigadas, que agora estão em proporção ainda maior, possuem um potencial produtivo superior às áreas de sequeiro











Maranhão: o ciclo está se encerrando, com a colheita chegando a 95% da área total até o fim de agosto.

Houve certa oscilação climática nesse final de ciclo e isso impactou o rendimento das lavouras mais tardias, reduzindo a estimativa da produtividade média divulgada no levantamento passado, mas ainda mantendo um resultado esperado superior aquele alcançado em 2022/23

(assim como a área plantada, que também aumentou em comparação ao exercício passado, especialmente por conta da substituição de algumas áreas antes cultivadas com o milho e que agora foram destinadas ao plantio de feijão-caupi, por sua menor exigência hídrica).

Piauí: a colheita se encontra finalizada no estado. Embora as condições climáticas tenham sido irregulares em parte do ciclo, o resultado final foi bastante satisfatório, tanto pelo incremento sobre a produtividade média, mas principalmente pelo crescimento na área plantada (aumento significativo da área principalmente por ser uma alternativa ao milho que continua remunerando mal) que foi bastante expressivo em comparação a 2022/23.











QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2023/24						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
TO	Ocidental do Tocantins	3,05			S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C
	Oriental do Tocantins	0,53			S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C
MA	Sul Maranhense	0,75			S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C
	Noroeste Cearense	2,10		S/E	E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
CE	Norte Cearense	1,29		S/E	E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sertões Cearenses	2,66		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Jaguaribe	0,81		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
RN	Sul Cearense	1,00		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Oeste Potiguar	0,70		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
PB	Sertão Paraibano	0,85		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Agreste Paraibano	0,97		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
PE	Sertão Pernambucano	1,57		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Agreste Pernambucano	0,72		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	7,04		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Nordeste Mato-grossense	0,73		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Mato-grossense	1,31		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	

Continua

Legenda - Condição hídrica

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2023/24						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,87			S/E	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C
GO	Leste Goiano	1,18		S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul Goiano	1,85		S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
MG	Norte de Minas	0,83		S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,02		S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Central Mineira	0,53		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Oeste de Minas	1,35		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Sul/Sudoeste de Minas	2,23		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
MG	Campo das Vertentes	2,27		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Zona da Mata	0,79		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Bauru	0,68		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
	Assis	0,56		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
SP	Itapetininga	2,04		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Paranaense	0,58	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Norte Pioneiro Paranaense	0,55	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
PR	Centro Oriental Paranaense	7,34	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Oeste Paranaense	1,45	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudoeste Paranaense	13,91	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro-Sul Paranaense	10,04	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	6,24	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Metropolitana de Curitiba	1,37	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	3,48	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
RS	Noroeste Rio-grandense	3,15	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2023/24

TABELA 9 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	577,8	1.062	613,8
2018/19	581,0	1.253	728,0
2019/20	588,8	1.481	872,1
2020/21	567,8	1.373	779,6
2021/22	530,6	1.333	707,2
2022/23	516,0	1.559	804,4
2023/24	Ago./24	471,1	1.724
	Set./24	467,0	1.702

Fonte: Conab.

FEIJÃO-COMUM CORES

Bahia: mesmo com as oscilações climáticas em parte do ciclo e com a expressiva redução na área plantada em relação à temporada anterior (principalmente por conta da substituição de cultivo pelo milho - que tem sido mais rentável na comercialização local para os produtores - e por alta pressão de mosca-branca), ainda há expectativa de uma produção total superior àquela alcançada em 2023, em virtude do bom início de ciclo, que garantiu uma implantação de lavoura homogênea e vigorosa e possibilitou um melhor desenvolvimento geral da cultura em comparação ao exercício passado, devendo permitir um rendimento médio mais elevado.

A colheita já está em andamento, e sua evolução tem ocorrido rapidamente, favorecida pelo clima mais seco registrado nas últimas semanas. As lavouras remanescentes em campo seguem em estágio de maturação e enchimento de grãos.

Mato Grosso: diante da ausência de chuvas nas últimas semanas, o suporte da irrigação tem sido primordial para manter o desenvolvimento das

lavouras. A amplitude térmica também foi bem expressiva ao longo do último mês, mas não acarretou em prejuízos substanciais ao desenvolvimento da cultura.

As operações de colheita iniciaram em algumas regiões pontuais e devem ganhar mais ritmo nas primeiras semanas de setembro, conforme mais lavouras vão atingindo o ponto de maturação ideal.

Mesmo com uma maior incidência de ataques por mosca-branca, a cultura tem demonstrado um bom potencial produtivo e uma condição fitossanitária geral considerada satisfatória.

Pernambuco: o mês de julho começou com escassez nas precipitações, algo que até provocou alguns casos de abortamento de vagens em áreas específicas, que tiveram o plantio mais tardio, mas, com o retorno das chuvas a partir da segunda semana do mês, houve recuperação de muitas lavouras, mantendo assim uma estimativa elevada para o rendimento médio da cultura neste ciclo.

As lavouras estão em fase final de colheita, e o resultado esperado segue bem positivo, com previsão de bom incremento em comparação ao total obtido na temporada anterior.

Minas Gerais: a colheita já atinge cerca de 60% da área total. No noroeste do estado, principal região produtora, os produtores atrasaram estrategicamente o plantio, no intuito de esperar uma redução da pressão de mosca-branca.

As lavouras se desenvolveram bem, apresentando boas condições fitossanitárias e um produto colhido de elevada qualidade.

Neste levantamento houve correção na estimativa de área plantada em virtude de lavouras que estavam em projeção de ser implantadas, mas que não foi confirmada a semeadura.

Goiás: a colheita alcançou cerca de 70% da área total ao final de agosto. As operações estão avançadas, principalmente na região do Vale do Araguaia, enquanto que na região leste do estado, o índice ainda é de 50% da área regional colhida. As demais localidades também seguem suas operações, com previsão de conclusão estadual até o fim de setembro.

A qualidade do grão colhido é considerada excelente, e o rendimento médio, embora tenha sofrido leve redução na estimativa em comparação ao levantamento passado, ainda segue com boa perspectiva geral.

Alagoas: o cultivo acontece no Sertão do estado, onde as chuvas foram favoráveis à cultura neste ciclo, elevando o potencial produtivo e incrementando a estimativa de rendimento em relação à safra passada.

Cerca de três quartos da área total já foi colhida, e as demais lavouras se encontram em maturação.

São Paulo: a irrigação complementar tem sido bastante utilizada por conta das baixas precipitações e pelas altas temperaturas em muitas regiões produtoras do estado. Assim, mesmo com a suplementação hídrica, há perda de potencial produtivo em decorrência dessas condições que depauperam as lavouras e aumentam sua evapotranspiração.

Também há redução na área plantada em comparação ao ano passado, especialmente por questões de mercado, envolvendo preços e rentabilidade na comercialização do grão.

Mato Grosso do Sul: com os bons preços pagos pelo produto atualmente e a migração de áreas que antes semeavam o feijão no segundo ciclo e que agora preferem cultivar no inverno, por menor pressão de pragas, houve aumento na área plantada em comparação ao exercício passado e também sobre as estimativas divulgadas no levantamento anterior (principalmente de áreas que antes plantavam no segundo ciclo, mas procuraram melhores condições climáticas e fitossanitárias ao semear no terceiro ciclo), já que a semeadura só foi concluída nesse último mês.

A alta amplitude térmica característica dessa fase do ano na região, bem como a escassez das chuvas faz com que muitos dos produtores lancem mão do uso de irrigação complementar. Isso favorece o desenvolvimento mais homogêneo das lavouras e incrementa o potencial produtivo da cultura.

Atualmente, as lavouras seguem entre as fases de desenvolvimento vegetativo e enchimento de grãos.



Foto 1 - Feijão cores 3ª safra - Emergência - Dourados-MS

Fonte: Conab.

Paraná: clima seco e quente no norte do estado, com baixa disponibilidade hídrica para a cultura, tem prejudicado o potencial produtivo da cultura. As produtividades visualizadas estão abaixo do esperado, devendo confirmar uma expressiva redução no rendimento médio em comparação a 2022/23. A colheita está chegando em fase final, restando pequenas áreas que atualmente estão em maturação e enchimento de grãos.

Tocantins: as temperaturas noturnas mais amenas nesse final de ciclo têm contribuído para uma fase reprodutiva mais estável. O uso de irrigação suplementar também favorece o desenvolvimento geral da cultura. Entretanto, a pressão elevada de mosca-branca e de tripes, contribuiu para uma redução significativa sobre o potencial produtivo.

As áreas estão em processo de dessecação e colheita, chegando a cerca de 30% da área colhida ao final de agosto.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Pernambuco: a colheita está recém-concluída, apresentando resultados superiores aos obtidos na safra passada, principalmente por conta das melhores condições climáticas que permitiram um ótimo desenvolvimento da cultura e uma expressão de um potencial produtivo mais elevado.

Nem mesmo a estiagem visualizada no início de julho, que impactou algumas lavouras de plantio mais tardio, impediu o incremento no rendimento médio em comparação aos valores alcançados em 2022/23.

Paraíba: em agosto houve a conclusão da semeadura no estado. Trata-se de uma cultura plantada essencialmente na região litorânea e foi impulsionada pela estabilização das chuvas.

As lavouras se encontram em condições de boas a regulares, e em fases fenológicas de enchimento de grãos à própria colheita.

FEIJÃO-CAUPI

Pará: as lavouras recém-ingressaram a fase de floração e enchimento de grãos e isso trouxe uma preocupação quanto às oscilações pluviométricas justamente nesses estádios críticos para o rendimento da cultura. No geral, as chuvas ainda acontecem em um volume adequado, porém o período é de uma estação caracterizada por irregularidades nas precipitações locais, podendo impactar uma cultura de ciclo curto como o feijão.

No quesito de área plantada, houve redução nas estimativas por conta de fatores de mercado e também pela concorrência de área com cultivo de mandioca, principalmente.

A região intermediária de Castanhal é a principal produtora do estado, favorecida por se localizar em uma faixa considerada litorânea, que recebe as últimas chuvas do início da estação seca.

Pernambuco: com as condições climáticas registradas favoráveis à cultura durante a maior parte do ciclo, o resultado final não poderia ser diferente das estimativas previstas até então, apresentando bom incremento na produtividade média (em comparação à temporada passada), especialmente por esse melhor cenário climatológico.

Bahia: a colheita já está em andamento, e sua evolução tem ocorrido rapidamente, favorecida pelo clima mais seco registrado nas últimas semanas.

Mesmo com essa escassez de precipitações, a expectativa sobre o rendimento médio da cultura é positivo, ficando ao valor obtido na temporada anterior,

principalmente por conta das melhores condições climáticas demonstradas nas primeiras etapas do ciclo.

Alagoas: o cultivo está concentrado nas regiões do Agreste e do Sertão do estado. A cultura no Sertão alagoano, em grande parte, foi prejudicada devido à ausência de chuva durante o enchimento de grãos da lavoura em agosto, mas a média geral para a cultura tem uma produtividade ainda superior ao valor obtido em 2022/23.











A colheita está se aproximando da metade da área total, e as demais lavouras remanescentes em campo seguem nas fases de maturação e enchimento de grãos.



Foto 2 - Feijão caupi 3ª safra - Floração - Anadia-AL

Fonte: Conab.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica									
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão terceira safra - Safra 2023/24						
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	
PE	Agreste Pernambucano	2,82	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
BA	Nordeste Baiano	3,23	S/E	E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	
MT**	Norte Mato-grossense	17,47			S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	
	Sudeste Mato-grossense	1,44			S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	
GO**	Noroeste Goiano	5,80	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Norte Goiano	1,76	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Leste Goiano	9,83	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Sul Goiano	7,92	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	
DF**	Distrito Federal	1,54	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	
MG**	Noroeste de Minas	17,37	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,32	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	
SP**	Ribeirão Preto	1,77			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	
	Bauru	6,08			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	
	Campinas	1,10			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	
	Itapetininga	9,94			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) Total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

Em São Paulo, na zona cerealista, o mercado vem operando com baixo volume de ofertas, baixa demanda e com expectativas de pedidas mais elevadas nos preços. Estas situações são atribuídas à necessidade de reposição de mercadorias e pela dificuldade em adquirir produtos nas zonas de produção a preços mais competitivos.

O abastecimento do mercado está normal, e a oferta do produto recém-colhido, no atacado paulista, está sendo processada pela produção das regiões de Minas Gerais e Goiás, e de grãos comerciais e mais escuros do Paraná, remanescentes da segunda safra.

Em setembro, a oferta tende a se intensificar com a colheita da safra de inverno, mas boa parte da produção ainda está para ser comercializada. A produção estimada para a safra em curso é superior em 212,6 mil toneladas à registrada em 2023. Esse volume deve manter a oferta interna do produto elevada, com isso, a tendência seria de forte pressão baixista dos preços em todos os seguimentos do setor.

No entanto, notadamente neste período, boa parte da produção é obtida por produtores empresariais que, além de contar com uma melhor mercadoria, adotam a estratégia de escalonar as vendas, com o propósito de forçar uma maior alta das cotações.

Nas zonas de produção os produtores continuam indecisos nas negociações, uns se sentem forçados a vender boa parte da mercadoria, outros preferem aguardar um melhor momento para a comercialização, apostando numa expressiva valorização do produto a partir deste mês.

Por outro lado, os compradores estavam na expectativa de encontrar preços mais em conta com a virada da quinzena de agosto, mas se depararam com um mercado menos ofertado e preços mais aquecidos, mesmo adotando a estratégia de adquirir o mínimo necessário, visando a retração das cotações.

O atual quadro de baixa oferta, apesar de mais enxuto, será suficiente para atender o abastecimento interno até outubro, quando encerra o ano-safra da temporada 2023/24. Doravante, o mercado deve passar por um período de pouca oferta, vez que São Paulo é praticamente o único estado que

oferta feijão claro em novembro e dezembro e, mesmo assim, é uma safra pequena para atender todo o país.

O balizamento dos preços fica condicionado na quantidade a ser ofertada. A tendência é que a demanda aumente, forçando uma maior elevação dos preços. Todavia, muitas indústrias estão limitando suas compras com o propósito de frear as cotações, em face da relutância de repassar reajustes de preços ao varejo.

FEIJÃO-COMUM PRETO

No atacado, em São Paulo, o mercado está firme e, apesar da pouca oferta no disponível, a demanda segue retraída, mas registrando gradativos aumentos de preços. A saca para o produto tipo extra está valendo, em média, R\$ 377,50, e na fronteira com a Argentina, entre US\$ 1.000 e US\$ 1.100 a tonelada.

A tendência é de preços aquecidos em virtude de diversos fatores, entre eles, a desvalorização do real frente à moeda americana, ofertas decrescentes com a finalização da safra nacional, período de entressafra até dezembro deste ano, retorno das férias escolares e a menor oferta do produto argentino. No entanto, os preços bem mais baixos do feijão-carioca acabam diminuindo a demanda pelo feijão-comum preto, atenuando os movimentos de alta.

Em se tratando da balança comercial, de janeiro a agosto deste ano foram importadas 3 mil toneladas de feijão preto, ou seja, 35,1 mil toneladas a menos que o volume registrado no mesmo período de 2023. Esta redução deve-se em parte ao volume recorde de produção colhido na segunda safra no Paraná, quantidade superior ao consumo estimado, e o maior registrado

na história. Quanto às exportações, de janeiro a agosto de 2024 foram exportadas 57,3 mil toneladas, bem acima das 4,6 mil toneladas no mesmo período deste ano. Em que pese os elevados preços praticados no mercado interno, o principal motivo para essa evolução foi a demanda atípica de feijão preto por parte dos exportadores, que conseguiram fechar contratos para clientes argentinos.

Quanto ao caupi, foram exportadas 57 mil toneladas, sendo o Mato Grosso o maior estado exportador, com mais de 86% dos embarques realizados, sendo a maioria destinada à Índia. Já para o feijão preto mais de 75% dos embarques saíram do Paraná, com México (43%), Venezuela (24%) e Guatemala (11%) como principais destinos.

No mercado interno verificou-se também uma procura elevada e atípica de feijão-preto, visto que boa parte foi ocasionada pela expressiva demanda para composição de cestas básicas destinadas ao Rio Grande do Sul, estado que passou por fortes inundações entre o final de abril e início de maio. Com isso, nem mesmo os altos preços praticados no mercado interno impediram o aumento na demanda, já que as ações realizadas foram de suma importância para a manutenção do padrão de consumo.

Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 329,9 mil toneladas, considerando uma recuperação do consumo passando de 2,85 para 3,05 milhões de toneladas, as importações em 33 mil toneladas e as exportações de 227,4 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 329,9 mil toneladas, volume que deverá contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento interno.

TABELA 10 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	322,8	3.116,1	81,1	3.520,0	3.050,0	162,7	307,3
2018/19	307,3	3.017,7	150,8	3.475,8	3.050,0	166,1	259,7
2019/20	259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7
2020/21	268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.893,8	223,7	128,1
2021/22	128,1	2.990,2	76,1	3.194,4	2.850,0	136,1	208,3
2022/23	208,3	3.036,7	69,0	3.314,0	2.850,0	139,0	325,0
2023/24	ago/24	325,0	3.259,0	50,0	3.634,0	2.850,0	634,0
	set/24	325,0	3.249,3	33,0	3.607,3	3.050,0	329,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2024.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

21.058,5 mil ha

-5,4%

PRODUTIVIDADE

5.495 kg/ha

-7,2%

PRODUÇÃO

115.722,8 mil t

-12,3%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 11 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	5.082,1	5.275	26.810,7
2018/19	4.103,9	6.249	25.646,7
2019/20	4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21	4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22	4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23	4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24	Ago./24	3.970,1	22.962,2
	Set./24	3.970,1	22.962,2

Fonte: Conab.

A primeira safra de milho foi finalizada em agosto, com a colheita das últimas áreas do cereal no Maranhão e na Bahia. As instabilidades climáticas ocorridas no decorrer da safra, com excesso de precipitações no sul em outubro, chuvas mal distribuídas no Centro-Oeste e Sudeste em novembro, prejudicaram a germinação e o desenvolvimento inicial da cultura. A partir de meados de dezembro houve uma normalização do clima, ajudando a

recuperar lavouras em muitos estados produtores, mas ficando abaixo do potencial produtivo da cultura.

Piauí e Bahia foram os estados com maior queda na produtividade, com 19,7% e 30,1%, respectivamente, de redução devido à irregularidade nas precipitações. Estados importantes como São Paulo e Minas Gerais também sofreram com as instabilidades do tempo, ora com excesso de chuvas, ora com a ausência delas.

Rio Grande do Sul, o maior produtor de milho primeira safra, foi um dos poucos estados a apresentar desempenho bem superior ao da safra passada, com produtividade de 5.952 kg/ha, 32,6% a mais que a safra 2022/23.











Na safra 2023/24, a área cultivada foi de 3.970,1 mil hectares, 10,7% inferior ao registrado na safra passada, e a produção esperada é de 22.962,2 mil toneladas, 16,1% inferior ao obtido no último ciclo de cultivo. A produtividade média foi de 5.784 kg/ha, 6,1% inferior à safra 2022/23.

ANÁLISE ESTADUAL

Maranhão: a colheita do milho ocorreu entre o final de abril e o início de agosto de 2024. As últimas áreas colhidas foram as das regiões leste e oeste do estado. Para a safra 2023/24, a área de plantio da primeira safra de milho foi estimada em 290,3 mil hectares, com redução de 4,8% em comparação à safra anterior em virtude da substituição de área de milho para plantio de soja, no sul do estado. A produtividade estimada foi de 5.004 kg/ha, 2,4% menor que o alcançado na safra passada, considerando que a produtividade do milho apresenta grande variação entre os sistemas de cultivo do estado.

Bahia: a colheita foi finalizada no estado, com produtividades bem abaixo das estimadas inicialmente. O plantio fora da janela ideal, o atraso na regularização das chuvas e incidência de pragas limitaram o desenvolvimento das lavouras, resultando numa produtividade média de 3.987 kg/ha, 30% inferior à obtida no último ciclo.











QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva				

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2023/2024											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense	1,28					S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C			
TO	Ocidental do Tocantins	0,87				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Oriental do Tocantins	0,84				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
MA	Oeste Maranhense	1,29					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Maranhense	0,49					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Maranhense	0,49					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Maranhense	3,68				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Sudoeste Piauiense	7,57				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	5,89				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense	0,91				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
GO	Centro Goiano	0,82					S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Leste Goiano	1,70				S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Sul Goiano	3,13				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
DF	Distrito Federal	0,48				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas	4,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Norte de Minas	0,74			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	8,02			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Oeste de Minas	1,72			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas	4,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	Campo das Vertentes	2,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	Zona da Mata	0,60			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	São José do Rio Preto	0,82			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Ribeirão Preto	0,79			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	SP	Bauru	1,17			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
Campinas		1,77			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
Itapetininga		2,14			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
Macro Metropolitana Paulista		0,79			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			

Continua

Legenda – Condição hídrica

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2023/2024											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PR	Norte Pioneiro Paranaense	0,58		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense	2,62		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	0,66		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense	3,22		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense	1,74		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba	2,03		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense	4,50		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana	1,53		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Vale do Itajaí	0,82		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul Catarinense	0,67		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense	6,85	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense	1,63		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,46	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	1,07		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre	0,73		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	0,81		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Sudeste Rio-grandense	0,83		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 12 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	12.878,0	5.682	73.177,7
2019/20	13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21	14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22	16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23	17.179,6	5.948	102.179,0
2023/24	Ago./24	16.343,7	90.284,7
	Set./24	16.437,4	90.255,0

Fonte: Conab.

Na primeira semana de setembro, a colheita da segunda safra de milho alcançou 99,1% da área semeada, contra 82,2% da área trilhada na última safra. O corte nas precipitações a partir da segunda quinzena de abril, que resultou em encurtamento do ciclo do cereal em grande parte do país, é o principal motivo desse adiantamento.

A regularidade das precipitações e temperaturas foram os fatores que mais influenciaram a produtividade nesta safra. O clima favoreceu os cultivos na região norte, Goiás e Mato Grosso, com precipitações bem distribuídas e temperaturas dentro do normal. Nessas regiões, a maioria do plantio também ocorreu dentro da janela ideal de cultivo, o que proporcionou produtividades semelhantes e até superiores às obtidas na última safra. Contudo, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Paraná enfrentaram instabilidades climáticas durante boa parte do ciclo do cereal, causando redução significativa na produtividade desses estados. Mato Grosso do Sul foi o estado mais afetado pela irregularidade climática, com veranicos diversos ocorrendo durante o ciclo da cultura, que, aliada a períodos de altas temperaturas, resultou numa redução de 34,9% na produtividade em relação à safra 2022/23.

Para a safra 2023/24, a área cultivada foi estimada em 16.437,4 mil hectares, 4,4% inferior ao registrado na última safra, e a produção esperada é de 90.255 mil toneladas, 11,8% inferior ao obtido no último ciclo de cultivo.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a colheita foi finalizada no estado, e o desempenho das lavouras foi excelente, superando as estimativas iniciais devido, principalmente, à boa distribuição das chuvas durante o ciclo do cereal. A produtividade média foi estimada em 6.902 kg/ha.

Paraná: a colheita está praticamente finalizada, faltando apenas áreas pontuais. Durante o ciclo da cultura ocorreram deficit hídricos em diversos municípios localizados no extremo- oeste e nas porções noroeste e norte deste estado, que, somados às altas temperaturas, provocaram perdas do potencial produtivo em muitas lavouras. Em grande parte delas, localizadas no extremo-oeste paranaense, ocorreram deficit de água no solo durante as fases de desenvolvimento vegetativo, floração e início do enchimento de grãos. Já nas áreas localizadas mais ao norte desta Unidade da Federação, onde os plantios desta cultura são realizados mais tardiamente, ocorreram falhas de emergência de plantas e danos na fase de desenvolvimento vegetativo e floração. Um fator positivo é que neste ciclo não ocorreu geada, normalmente uma situação preocupante para os produtores. Além do clima, a influência de pragas e doenças, como bacteriose e cigarrinha, também foram fatores decisivos na redução de produtividade, estimada em 4.964 kg/ha, 16,5% inferior à safra passada.

Mato Grosso do Sul: a maioria dos municípios está na reta final de colheita, com exceção de alguns localizados na região sudoeste, que tiveram suas lavouras semeadas tardiamente. Também ocorre que a colheita de algumas áreas segue paralisada devido ao procedimento de perícia para análise e acionamento dos seguros agrícolas. Houve incremento na área cultivada de alguns municípios, com reajustes devido às informações levantadas.

Em agosto, as altas temperaturas ocorridas durante o dia e a baixa umidade relativa do ar favoreceram a perda de umidade nos grãos, permitindo maior evolução da colheita. Além disso, foi registrada a ocorrência de geada no primeiro decêndio do mês, porém a cultura do cereal já se encontrava sem riscos de perdas devido às lavouras, em praticamente todo o estado, se encontrarem em fases de maturação fisiológica e colheita.

Goiás: neste levantamento, a área cultivada com o cereal sofreu novo reajuste após vetorização manual de novas áreas, e está estimada em 1.592,4 mil hectares. A produtividade média do estado ficou estimada em 6.229 kg/ha, de acordo com a ponderação dos municípios levantados.

Na região sudoeste, o mapeamento realizado indicou, aproximadamente, 949 mil hectares cultivados com o cereal. A colheita foi praticamente concluída até o final de julho, restando apenas 6% das áreas, que foram colhidas durante as primeiras semanas de agosto. Parte das colheitas ocorridas neste mês corresponderam a áreas em que o produtor esperou a umidade do milho cair a níveis mais baixos, abaixo de 14%, para armazenagem dos grãos em silos bolsa. Apesar disso, observou-se menor quantidade de grãos armazenados por este método em relação à safra anterior. As últimas áreas colhidas apresentaram produtividades reduzidas, uma vez que corresponderam principalmente àqueles plantios mais tardios, nos quais as plantas de milho passaram por longos períodos de restrição hídrica durante as fases reprodutivas. Estas situações se concentraram principalmente nos municípios de Caiapônia, parte de Montividiu e Rio Verde. Por outro lado, em outras localidades, como em Jataí e Perolândia, após finalização das operações de colheita e consolidação dos números da produção, foi constatada elevação na produtividade média. Dessa forma, a ponderação das informações obtidas durante este levantamento resultou em leve aumento na produtividade média para a região, fechando em 6.815 kg/ha. A qualidade dos grãos se mantém boa em todos os municípios da região.

No leste do estado, as lavouras se encontram em fase final de colheita, que deve ser finalizada nos primeiros dias de setembro. Como já era esperado, com o avançar da colheita a média de rendimento foi sendo reduzida devido ao plantio mais tardio e ao corte das precipitações após a primeira quinzena

de abril. A média de produtividade na região foi estimada em 5.100 kg/ha, número bem próximo do obtido na safra anterior. Segundo às informações obtidas, é estimado que, pelo menos 10% da área plantada não será colhida devido ao plantio mais tardio e ao corte das chuvas, fazendo com que as plantas não conseguissem completar o seu ciclo. Já no Sul, a colheita foi encerrada, e a região obteve as piores produtividades do estado, abaixo de 4.800 kg/ha devido à má distribuição das chuvas.

No oeste, a colheita da cultura foi finalizada ao longo deste mês, e as médias de produtividade não sofreram alterações expressivas em relação ao que foi relatado no último levantamento. No norte, a colheita foi finalizada com bons rendimentos. Muitas áreas de milho safrinha são sob sistema de irrigação via pivô central, aumentando a média da região.

Distrito Federal: as lavouras de segunda safra estão em colheita, estimada agora em 75% da área cultivada, e as produtividades obtidas se aproximam das estimativas iniciais.

Minas Gerais: na semana do levantamento restavam apenas 5% das áreas de milho segunda safra para serem colhidas, ao passo que no mesmo período do ano passado ainda tínhamos 13% das áreas do estado. O clima bem mais seco, menor rendimento das lavouras e a menor área plantada justificam o adiantamento nas operações deste ano. Além disso, na safra anterior tivemos problemas em relação à armazenagem, uma vez que, devido à falta de espaço, os produtores ficaram reféns da comercialização para evoluírem com a colheita.

Com as operações de campo praticamente encerradas, finalizamos esta safra com mais uma correção a menor no rendimento das lavouras, agora estimado em 4.849 kg/ha. Os números são 11,8% menores que aqueles alcançados no último ciclo. Nesta safra ficou evidente o quão importante

é respeitar a janela ideal de plantio e fazer um bom manejo do solo, principalmente priorizando a formação de palhada, que foi fundamental em um ciclo de temperaturas tão elevadas e com umidade tão baixa.

São Paulo: a colheita foi finalizada no estado. A cultura sofreu drasticamente com a falta de chuvas e com as altas temperaturas, causando prejuízo significativo no desenvolvimento do cereal, que, aliado à presença intensa da cigarrinha, resultou em uma estimativa de produtividade de 4.380 kg/ha, 20,4% inferior à obtida na última safra.

Bahia: a colheita foi finalizada, com produtividade média inferior à obtida no último ciclo devido principalmente à redução das precipitações nos estádios reprodutivos.

Maranhão: a colheita do milho safrinha foi iniciada em junho e finalizada em meados de agosto. Para a safra 2023/24, a área cultivada foi de 260,7 mil hectares, com redução de 14,3% em relação à safra anterior, em razão do atraso do início das chuvas para o plantio da soja e da consequente saída da janela ideal de plantio da segunda safra. Algumas áreas foram substituídas pelas culturas de feijão-caupi, sorgo e milheto.

A produtividade média foi estimada em 4.981 kg/ha, 4,2% menor que a alcançada na safra anterior em razão de grande parte do plantio ter sido realizado fora da janela ideal. A redução das chuvas e dos níveis de umidade do solo afetaram a cultura, entre março e maio de 2024, período crucial para o desenvolvimento do milho safrinha, que se encontrava em desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos. Além disso, houve redução na produtividade por ataques de lagartas.

Pernambuco: o atraso do início do período das chuvas foi compensado pela sua boa distribuição a partir de fevereiro, com volumes acima do esperado,

favorecendo o desenvolvimento da cultura. As lavouras apresentam majoritariamente um bom potencial produtivo e se encontram em fase de maturação e colheita. Os produtores sertanejos do cereal devem colher 12,1% a mais que a safra pernambucana passada. Esse resultado ocorre devido a melhores índices pluviométricos, aliado a uma melhor distribuição das chuvas durante o ciclo da cultura e a uma menor incidência de pragas.

Ceará: a cultura apresentou bom desenvolvimento, favorecida pela regularidade das precipitações, apesar da ocorrência de pragas isoladas em algumas regiões. A maioria das lavouras já foram colhidas, estando o restante na fase final de maturação.

Paraíba: as lavouras de milho se encontram em condições de boas a regulares, mas com apontamentos de possíveis perdas devido à intenso ataque de lagartas. Os 17,8% da cultura se encontram em maturação e o restante já foi colhido.

Piauí: confirmou-se uma redução significativa de área semeada em relação às estimativas iniciais. Boa parte das lavouras se estabeleceram em boas condições, favorecida pelos níveis adequados de umidade do solo em grande parte da região produtora durante a semeadura. Apesar de condições meteorológicas favoráveis na implantação da cultura, houve nesta safra um problema sério de ataque de lagartas com registro de alta infestação em muitas áreas e muita dificuldade de controle do inseto, situação que impactou no custo de produção da cultura. A colheita foi finalizada, registrando produtividade 11,2% inferior à da safra anterior, ainda assim, satisfatória diante do quadro que se apresentou nesta safra.










Tocantins: a colheita foi finalizada no estado, e as produtividades alcançadas variaram, principalmente, em virtude da época do plantio. Lavouras semeadas tardiamente sofreram com o corte das chuvas após a segunda

quinzena de abril, enquanto as semeadas até meados de fevereiro tiveram boas condições de desenvolvimento.

Pará: a colheita alcançou, durante o levantamento, 80% da área semeada, e ela ainda ocorre nas regiões de Paragominas e Santarém. Nessas regiões, houve prejuízos com o atraso do plantio, encurtamento de janela de chuvas, como também, a suspensão destas na fase de enchimento de grãos por mais de 15 dias. Muitas áreas que estavam em floração ou em enchimento de grãos não chegaram a formar boas espigas, e os grãos apresentam pequeno tamanho e baixo peso específico. Essa redução nas produtividades dessas regiões foi compensada pelos bons rendimentos obtidos nos polos de Redenção e da BR-163, devido à boa regularidade das chuvas nessas regiões.

Rondônia: as chuvas regulares e bem distribuídas em todo o estado proporcionaram um bom desenvolvimento das lavouras. A ausência de precipitações contribuiu para uma maturação dos grãos, conferindo qualidade do produto. A colheita foi finalizada no estado, com produtividades superiores às estimativas iniciais.











QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %									
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Madeira-Guaporé	0,28		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
	Leste Rondoniense	1,40		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
PA	Baixo Amazonas	0,44		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	C	
	Sudeste Paraense	0,36		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	C	
TO	Ocidental do Tocantins	0,86	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C		
	Oriental do Tocantins	0,97	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C		

Continua

Legenda - Condição hídrica

	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva				

UF	Mesorregiões	Produção* %	Condição hídrica								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MA	Sul Maranhense - MA	0,98	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	0,75		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
CE	Sertões Cearenses	0,25		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Norte Mato-grossense	32,46	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	6,02	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MT	Sudoeste Mato-grossense	0,74	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense	0,56	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	5,66	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	3,09	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul	1,02	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	10,92	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Norte Goiano	0,30	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO	Centro Goiano	0,36	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,18	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	9,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas	0,76		S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,39		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Bauru	0,28		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
SP	Assis	1,14		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Itapetininga	0,86		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Noroeste Paranaense	0,90		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense	2,57	S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Central Paranaense	3,42		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C
PR	Norte Pioneiro Paranaense	1,62		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	5,22	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	0,81	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	0,29	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2022)/Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 13 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	511,0	2.385	1.218,7
2019/20	535,6	3.305	1.843,6
2020/21	595,6	2.734	1.628,5
2021/22	662,1	3.341	2.211,9
2022/23	637,1	3.664	2.334,6
2023/24	Ago./24	650,7	2.402,0
	Set./24	651,0	2.505,9

Fonte: Conab.

Em agosto houve uma redução significativa das precipitações em todas as regiões produtoras de milho terceira safra.

Os impactos desta redução foram variáveis, visto que muitas áreas já se encontravam nas fases finais dos estádios reprodutivos. A colheita já foi iniciada na Bahia e nos demais estados terá seu início em setembro, devendo se prolongar até o final de novembro.

Para a safra 2023/24, a área cultivada está estimada em 651 mil hectares, e é esperada uma produção de 2.505,9 mil toneladas, 16,3% superior à safra 2022/23.

ANÁLISE ESTADUAL

Bahia: houve espera-se alta na produtividade em relação à safra passada devido à maior eficiência do manejo produtivo e às condições climáticas mais favoráveis.

Nos últimos 30 dias houve aumento das chuvas na região nordeste do estado, sendo suficiente para manter o potencial produtivo na maior parte

das lavouras. Contudo, as precipitações foram mais esparsas na região entre Serrinha e Quijingue, reduzindo assim a capacidade produtiva dessa localidade. As lavouras estão em fase de enchimento de grãos, maturação e uma menor parte foi colhida. Permanecem os relatos de infestação de lagarta na região nordeste e boa sanidade no oeste.

Alagoas: a maior área de milho semeada dentro dos padrões técnicos no estado ocorreu nas regiões Agreste e Bacia Leiteira. As lavouras dessas regiões estão, em sua maioria, com bom potencial produtivo devido à ocorrência de precipitações regulares. Quanto a regiões do Médio e Alto Sertão, a cultura foi prejudicada pela falta de chuva durante o enchimento de grãos.

De modo geral, o cereal se encontra em maturação, com previsão de início da colheita em setembro e término para o final de novembro.

Sergipe: nas visitas realizadas a campo, no período do levantamento, constatou-se que a situação das lavouras de milho foi alterada em relação ao que vinha sendo observado desde o início da semeadura, onde, até então, as condições climáticas estavam bastante favoráveis com chuvas bem distribuídas em grande parte do estado. No entanto, agosto apresentou-se com níveis de umidades baixos em decorrência de veranicos nas principais regiões produtoras, afetando o potencial produtivo, visto que boa parte delas se encontravam em fase de enchimento de grãos.

Nota-se que as áreas onde a semeadura foi realizada no “cedo” terão bons níveis de produtividade, enquanto as áreas semeadas tardiamente ficaram mais expostas aos veranicos de agosto, justamente na fase de enchimento de grãos.

Pernambuco: as lavouras se encontram em maturação, apresentando um melhor potencial produtivo que na última safra. Lavouras com maior tecnificação tem crescido na região agreste, o que mostra uma tendência de maiores investimentos em variedades mais produtivas, insumos e maquinários que permitam um acréscimo da produtividade.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO TERCEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica					
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho terceira safra - Safra 2023/2024									
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
RR	Norte de Roraima	4,77		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C		
PE	Sertão Pernambucano	0,95	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C		
	Agreste Pernambucano	1,03	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C		
AL	Sertão Alagoano	0,32	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Agreste Alagoano	1,13	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
SE	Leste Alagoano	1,01	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Sertão Sergipano	21,54	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
SE	Agreste Sergipano	16,02	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Leste Sergipano	3,05	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	1,75		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C		
	Nordeste Baiano	47,35	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano	0,36	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2022)/Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab aumenta a produção de milho em 74,2 mil toneladas, aumento motivado por um ajuste na área e produtividade. Com isso, a Conab prevê uma produção total de 115,72 milhões de toneladas de milho, um decréscimo

esperado de 12,3% se comparada à safra anterior, que foi de 131,9 milhões de toneladas.

A queda de produção é motivada por uma redução da área plantada de 5,4% e de 7,2% na produtividade, principalmente de milho na segunda safra.

A demanda total continua estimada em 84,24 milhões de toneladas na safra 2023/24, com um aumento de 5,8% em relação à safra 2023/23.

Em razão de uma menor produção na safra 2023/24, a Conab estima um aumento nas importações de 90,4%, passando de 1,31 milhão de toneladas para 2,5 milhões de toneladas, entre fevereiro de 2024 e janeiro de 2025.

Com uma menor oferta de grãos no Brasil, somada à maior oferta disponível no mercado internacional, o Brasil deverá reduzir o volume de exportações de grão. Por isso, a Conab estima que 36 milhões de toneladas sairão do país via portos, entre fevereiro de 2024 e janeiro de 2025, volume 34,1% inferior ao estimado na safra 2022/23.

Com isso, o estoque de milho em fevereiro de 2025, ou seja, ao fim do ano-safra 2023/24, deverá ser de 5 milhões de toneladas, sendo este montante 28,6% inferior ao da safra 2022/23.

TABELA 14 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	15.739,4	80.709,5	900,7	97.349,6	59.048,4	23.742,2	14.558,9
2018/19	14.558,9	100.042,7	1.596,4	116.198,0	61.937,4	41.074,0	13.186,6
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.598,9	54.634,4	7.068,4
2023/24	ago/24	7.068,4	115.648,6	2.500,0	125.217,0	84.243,1	4.973,9
	set/24	7.068,4	115.722,8	2.500,0	125.291,2	84.243,1	5.048,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2024.

Estoque de passagem 31 de janeiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
46.029,8 mil ha	3.202 kg/ha	147.382,0 mil t
+4,4%	- 8,7%	-4,7%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 15 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)	
2017/18	35.149,2	3.507	123.258,9	
2018/19	35.874,0	3.337	119.718,1	
2019/20	36.949,7	3.379	124.844,8	
2020/21	39.531,2	3.526	139.385,3	
2021/22	41.492,0	3.026	125.549,8	
2022/23	44.079,8	3.507	154.605,9	
2023/24	Ago./24	46.029,8	3.202	147.381,8
	Set./24	46.029,8	3.202	147.382,0

Fonte: Conab.

Neste último levantamento, da safra de soja de 2023/24, cuja colheita da safra de verão foi concluída em julho, os números da safra ficaram praticamente inalterados. Alguns cultivos ainda ocorrem em Tocantins, para a produção de sementes, e em Alagoas e Roraima devido ao regime de chuvas diferenciado nestes dois estados.

Apesar das adversidades climáticas ocorridas na maioria das regiões, os resultados ainda podem ser considerados satisfatórios diante dos extremos climáticos que acometeram diversos estados produtores em diferentes

estádios de desenvolvimento da cultura, mostrando a capacidade técnica dos produtores nacionais de estarem preparados para diversas situações de cultivo.

Em Mato Grosso, responsável por 27% da produção nacional, as instabilidades climáticas durante o plantio, com chuvas irregulares e altas temperaturas, resultaram em replantios em diversas áreas. A regularização climática só ocorreu a partir de meados de dezembro, trazendo alívio para os produtores e boa recuperação das lavouras, principalmente as semeadas tardiamente.

No Rio Grande do Sul, as lavouras tiveram um bom suprimento hídrico durante praticamente todo o ciclo e, mesmo com as fortes precipitações ocorridas no final da colheita, não foram capazes de impedir que o estado apresentasse uma recuperação nas produtividades em relação às duas últimas safras.

No Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul, as boas condições climáticas favoreceram as lavouras até a primeira quinzena de dezembro. Após esse período, veranicos e eventos de onda de calor de longa duração afetaram grande parte das áreas de cultivo desses estados.

Nos demais estados produtores, o plantio atrasou devido à demora na regularização das precipitações, e as lavouras sofreram com as altas temperaturas e veranicos até o final de dezembro, o que também resultou em replantio de parte considerável das áreas já semeadas. A partir de janeiro ocorreu a regularização das chuvas e boa recuperação das lavouras, situação que perdurou até o final do ciclo da oleaginosa.

Os resultados obtidos neste último levantamento indicam uma produção total de 147.381,8 mil toneladas, 4,7% inferior ao obtido na safra 2022/23, mas a segunda maior já colhida no Brasil. A área semeada com a oleaginosa

foi estimada em 46.029,8 mil hectares, com uma produtividade estimada em 3.202 kg/ha.

ANÁLISE ESTADUAL

Alagoas: as chuvas regulares, alternadas com dias de sol de janeiro até os primeiros dias de agosto, em toda a região produtora, têm favorecido o desenvolvimento adequado da cultura. A colheita alcança 20% das áreas cultivadas, estando o restante delas em fase final de enchimento de grãos e maturação.

Tocantins: o cultivo da segunda safra de soja em Tocantins é realizado nas regiões de várzea do estado e destinada exclusivamente à produção de sementes. As lavouras entram-se nos estádios de enchimento de grãos e maturação, apresentando bom desenvolvimento e com colheita prevista para agosto.

Na região de Formoso do Araguaia, as lavouras estão em processo de dessecação e colheita, que alcança 60% da área, com produtividades variando em virtude do ciclo da variedade escolhida para a produção de sementes. Na região da Lagoa da Confusão foi colhida 40% da área e, em Pium, 70%.

Roraima: as boas precipitações ocorridas durante o ciclo da oleaginosa favoreceram o desenvolvimento da cultura em todo o estado. A colheita já foi iniciada, e alcança 30% da área cultivada, alcançando boas produtividades.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda - Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2023/2024								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RO	Leste Rondoniense	1,18		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PA	Sudeste Paraense	1,65		S/E	E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	1,71		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Oriental do Tocantins	1,43		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
MA	Sul Maranhense	1,85		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	2,48			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	5,01			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense	19,20	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	6,21		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,86	S/E	S/E/DV	DV/F	F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	4,65	S/E	S/E/DV	DV/F	F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,17		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,25		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	3,53	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO	Noroeste Goiano	0,68		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Goiano	0,60		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,65		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,94		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	8,74		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas	1,95		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,19		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SP	Assis	0,84		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Itapetininga	1,09		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	0,92	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	1,99		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	1,51		S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,55		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Oeste Paranaense	1,19	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,83		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	1,00		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	0,76		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense	3,33		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,78		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	1,18		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	0,92		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semearia; (S)=semearia; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

OFERTA E DEMANDA

Não houve alterações no balanço de oferta e demanda de soja em grão no relatório de setembro de 2024. A produção segue estimada em 147,38 milhões de toneladas, refletindo um ano de redução na produtividade e resultando em uma produção 4,7% menor em comparação a 2023. Devido à menor produção, as exportações estão projetadas em 92,43 milhões de toneladas, com forte tendência de alta nos próximos relatórios, impulsionada pelo aumento das exportações em 2024.

O consumo interno total permanece em 55,96 milhões de toneladas, com um crescimento atribuído ao maior percentual de biodiesel no diesel. Os estoques finais foram estimados em 3,08 milhões de toneladas. As estimativas para os quadros de oferta e demanda de óleo de soja e farelo de soja também permanecem inalteradas.

TABELA 16 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2022/23	5.962,1	154.609,5	181,0	160.752,6	55.591,7	101.862,6	3.298,2
	2023/24	3.298,2	147.382,0	800,0	151.480,2	55.959,5	92.434,4	3.086,3
FARELO	2022/23	1.385,5	40.758,5	0,1	42.144,1	17.800,0	22.473,5	1.870,6
	2023/24	1.870,6	40.192,8	1,0	42.064,5	18.000,0	20.000,0	4.064,5
ÓLEO	2022/23	508,1	10.509,3	21,4	11.038,8	8.395,0	2.332,6	311,2
	2023/24	311,2	10.602,4	50,0	10.963,6	9.262,0	1.400,0	301,6

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em setembro/2024.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

3.068,8 mil ha

-11,6%

PRODUTIVIDADE

2.870 kg/ha

+23,1%

PRODUÇÃO

8.807,3 mil t

8,8%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 17 - TRIGO

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017	1.916,00	2.225	4.263,50
2018	2.042,40	2.657	5.427,60
2019	2.040,50	2.526	5.154,70
2020	2.341,50	2.663	6.234,60
2021	2.739,30	2.803	7.679,40
2022	3.086,20	3.420	10.554,40
2023	3.473,40	2.331	8.096,80
2024	Ago./24	3.069,40	8.836,50
	Set./24	3.068,80	8.807,30

Fonte: Conab.

Em relação à safra passada, há aumento da produção nacional da cultura, mesmo com previsão de redução da área cultivada, com previsão de 8.807,3 mil toneladas do grão. Entretanto, se comparada ao levantamento anterior, há uma redução de produção, provocada pela redução de produtividade em Mato Grosso do Sul.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a perda do melhor período da janela de semeadura, os dias nublados ocorridos no início do desenvolvimento vegetativo, além da erosão e lixiviação de nutrientes e sementes decorrentes das chuvas torrenciais e recorrentes prejudicaram, inicialmente, as lavouras que apresentam desenvolvimento aquém do esperado.

No sentido contrário, as condições mais secas que ocorrem desde a segunda quinzena de julho propiciam boa condição fitossanitária das plantas.

Agosto teve dias ensolarados e chuvas espaçadas, suficientes para suprir as demandas hídricas e de radiação solar da cultura. A alternância de dias frios e muito quentes influenciou na redução do número de perfilhos e aumentou a pressão de oídio sobre as plantas, exigindo controle pelos produtores. Foram registradas geadas, mas, até o segundo decêndio do mês, a área em floração era quase nula, e a maioria dos eventos foi de intensidade fraca.

Na região norte, no final de agosto, ocorreu um evento de geada de maior intensidade. Aproximadamente um décimo da área já estava em florescimento, e o evento foi considerado forte.

Na região nordeste ainda predomina o desenvolvimento vegetativo, fase em que a geada não tem efeito deletério acentuado.

Paraná: durante o ano, houve predominância de volumes de chuvas escassas, bem como altas temperaturas, até mesmo durante o inverno.

Agosto contou com dias muito quentes e também com dias muito frios. Essa desuniformidade não foi favorável para as culturas de inverno, pois somou-se ao estresse hídrico, evapotranspiração bem acima da média para

o período e também formação de geadas, que atingiram algumas lavouras em fase reprodutiva. No final de agosto, houve ocorrência de chuvas em volume e intensidade favoráveis.

A área da cultura teve redução em relação à safra passada, essa diminuição se deve aos muitos produtores que tiveram frustrações, de produtividade e qualidade, nas suas lavouras no ciclo passado, bem como os atuais preços estarem a descontento dos produtores.

As condições das lavouras variam de médias a ruins, principalmente devido às condições climáticas adversas e à ocorrência de doenças, como o oídio, característico de períodos secos. Além disso, o uso de menor tecnologia, incluindo o uso de sementes de menor qualidade, e até mesmo áreas plantadas apenas como cobertura, têm contribuído para essas condições.

Santa Catarina: no extremo-oeste, o tempo firme e com baixo volume de chuvas, registrado nas últimas semanas de julho e início de agosto, favoreceu a execução dos tratos culturais necessários ao desenvolvimento das plantas.

O clima estável também contribuiu para a emergência das plantas nas áreas semeadas mais tarde, bem como, de um modo geral, favoreceu o desenvolvimento vegetativo da cultura.

A ocorrência de geadas, seguida pelo aumento das temperaturas nos demais dias, proporcionou condições favoráveis para o desenvolvimento vegetativo das lavouras, especialmente das semeadas no final da janela recomendada de plantio, no entanto, atingiu algumas lavouras em fase reprodutiva.

Em relação ao manejo de pragas e doenças, o clima seco contribuiu para que as plantas apresentassem ótima condição fitossanitária, resultado

dos controles preventivos aplicados. Até o momento, as lavouras de trigo permanecem em boas condições de desenvolvimento.

No Planalto Norte e Serra, os cultivos se encontram em diversos estágios, mas ainda predominantemente em desenvolvimento vegetativo. Até o momento, as lavouras permanecem em boas condições de desenvolvimento.

No aspecto fitossanitário, há o registro de doenças fúngicas foliares, principalmente oídio. A produtividade média apresenta um aumento significativo em relação à safra passada. Segundo a metodologia adotada no zoneamento agrícola de risco climático (ZARC), os maiores riscos de perda de produção na cultura estão relacionados à geada no espigamento e ao excesso de chuva/umidade na fase inicial de enchimento de grãos.

No Meio Oeste, a cultura também se encontra com boas expectativas em razão das condições climáticas favoráveis, principalmente com o frio intenso no perfilhamento. O oídio e manchas têm ocorrido, entretanto, os produtores fazem o devido controle. Outro trato cultural realizado é a aplicação de herbicidas pós-emergentes para o controle de invasoras. Os produtores aguardam a ocorrência de precipitação pluviométrica para fazer as adubações de cobertura. Com lavouras mais adiantadas, nessa região, a cultura já se encontra em florescimento.

De forma geral, espera-se uma safra muito boa em relação à anterior. A produtividade média está acima do verificado no ano passado e, em que pese tenha havido uma redução na área plantada, a produção final tende a ficar próxima aos patamares históricos registrados.

São Paulo: com o fim da safra se aproximando, o clima quente e com poucas chuvas reflete diretamente na produtividade da cultura.

Minas Gerais: com o aproximar do final da colheita, pode-se perceber que as altas temperaturas e a falta de umidade resultaram em lavouras de sequeiro de baixo estande, perfilhamento reduzido e espigas pequenas. Mesmo com maior rusticidade da cultura, o trigo de sequeiro registrou grandes quedas, principalmente na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, uma vez que houve um elevado percentual de áreas perdidas devido à inviabilidade financeira.

Soma-se a isso, parte da produção das áreas de sequeiro que foi destinada à ração animal devido à qualidade inferior. Com a entrada do produto oriundo de áreas irrigadas nos moinhos, há um aumento expressivo da qualidade, no entanto essas áreas ainda representam um baixo percentual do total produzido.

Segue-se com as mesmas projeções do cereal para as lavouras de sequeiro, que apresentam uma redução na produtividade em relação àquela alcançada no último ano. Já para as áreas irrigadas, registra-se incremento na produtividade em relação ao levantamento passado.

A expectativa é que a produção seja menor que a obtida na safra passada.

Distrito Federal: as lavouras de sequeiro foram colhidas, e o irrigado se encontra em pleno estádios de enchimento de grãos e maturação. A área total foi acrescida em relação à safra passada. O crescimento ocorre, sobretudo, na modalidade sequeiro. Na modalidade irrigado, houve redução de área se comparado com a safra anterior.

Assim, ponderando as duas modalidades de cultivo, a produção tem incremento, comparando-se com o exercício passado.

Goiás: a colheita do trigo irrigado iniciou em agosto e deve perdurar durante setembro. Em torno de 50% das áreas irrigadas foram colhidas, no momento do levantamento. A maior parte das lavouras ainda estava em fase de maturação, com a irrigação em muitas áreas já interrompidas. As áreas remanescentes estavam em excelentes condições, com alguns casos pontuais de incidência de brusone.

Muitas áreas interromperam a irrigação aguardando a umidade ideal para colheita. As doenças têm ocorrido em algumas áreas, porém os tratamentos fitossanitários estão obtendo respostas positivas.

A colheita das lavouras de sequeiro foi finalizada. Durante o ciclo, a cultura enfrentou diversos desafios. No início, o excesso de chuvas causou o aparecimento de doenças fúngicas. Mais tarde, na fase de enchimento de grãos, o estresse hídrico, agravado pelo corte das chuvas e pelas altas temperaturas noturnas, afetou significativamente o potencial produtivo. No entanto, algumas cultivares geneticamente melhoradas para tolerância à seca apresentaram rendimentos melhores, apesar das condições adversas.

Mato Grosso do Sul: a maioria das lavouras, que já foi prejudicada pelo período prolongado de estiagem, encontra-se agora na fase de maturação plena. Os eventos climáticos registrados não apresentam grandes riscos à cultura do cereal. Dessa forma, não se espera que ocorram maiores perdas devido a intempéries climáticas.


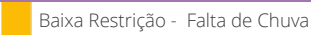
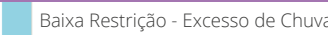



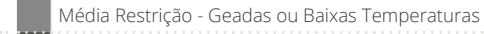



A busca pelo cereal de boa qualidade aumentou, porém o produto colhido e oferecido não tem atraído grande parte da cadeia produtiva do cereal. Nesse contexto, a redução acentuada no peso hectolitro do grão poderá influenciar diretamente nos preços pago ao produtor e gerar impactos na produção e comercialização dos moinhos locais.

A cultura do cereal se encontra em processo de colheita, porém os resultados não foram satisfatórios. Nesse sentido, algumas amostras encaminhadas para o controle de qualidade não atingiram o ponto determinado pelas indústrias, sendo avaliados com falling number e peso hectolitro abaixo do padrão comercial. Logo, grande parte desse cereal será classificado como triguilho e deverá ser destinado à ração animal.













Bahia: espera-se redução da área cultivada devido à dificuldade na comercialização da produção. É esperado a manutenção da produtividade da safra passada devido ao controle de fatores de produção. A falta de chuva e alta luminosidade favorecem o desenvolvimento das lavouras irrigadas de trigo.

As lavouras estão em fase de enchimento de grãos e apresentam ótima qualidade, beneficiada pela alta luminosidade e ocorrência de noites frias. Não há relatos de perdas pelo ataque de pragas e doenças.

QUADRO 10 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - TRIGO

Legenda - Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
UF	Mesorregiões-	Produção* %	Trigo - Safra 2024								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,49	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
GO	Leste Goiano**	0,60	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas**	0,55	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba**	1,40	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas	0,53	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Campo das Vertentes	0,53	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
SP	Bauru	0,83	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C			
	Itapetininga	3,57	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C			

Continua

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões-	Produção* %	Trigo - Safra 2024									
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	
PR	Centro Ocidental Paranaense	2,68	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C			
	Norte Central Paranaense	5,37	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense	4,20	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
	Centro Oriental Paranaense	5,89		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Oeste Paranaense	4,01	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	5,46		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense	4,64			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C		
	Sudeste Paranaense	1,69			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C		
	Metropolitana de Curitiba	0,86			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C		
	SC	Oeste Catarinense	2,41		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
Norte Catarinense		0,68		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
Serrana		1,05		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	38,79		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense	2,35			S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense	3,86		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	1,17		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	4,09		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
Sudeste Rio-grandense	0,83		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

(**) Parte irrigado

Fonte: Conab.

OFERTA E DEMANDA

Em agosto de 2024, o mercado doméstico se encontrava atento ao clima, na reta final dos trabalhos de colheita em Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás e no início da colheita no Paraná, que entrou em alerta devido às baixas temperaturas e ocorrência de geadas. Grande parte das lavouras do estado paranaense se encontrava em estágios sensíveis à ocorrência de geadas, no entanto, as perdas ainda não foram contabilizadas. No Paraná, a média mensal foi cotada a R\$ 76,08 a saca de 60 quilos, apresentando valorização mensal de 0,18%. Já no Rio Grande do Sul, a média mensal foi de R\$ 69,19 a saca de 60 quilos, com valorização de 0,46%.

No mercado internacional, a valorização do dólar em relação às demais moedas, a boa evolução da colheita no Hemisfério Norte e os preços do trigo russo e também norte-americano competitivos contribuíram para a desvalorização mensal de 5,85%, sendo a média mensal de US\$ 252,58 a tonelada.

Foram consolidados os números referentes à balança comercial da safra 2023/24. De agosto de 2023 a julho de 2024, o Brasil importou 5.702,6 mil toneladas e exportou 2.790,9 mil toneladas de trigo em grãos. Os demais dados já foram consolidados. Com isso, a safra 2023/24 encerrou com estoque de passagem de 505,3 mil toneladas.

Para a safra 2024/25, que inicia em agosto de 2024 e encerra em julho de 2025, a Conab revisou os números referentes à área, produtividade e produção da safra 2024/25. A estimativa é que sejam plantados 3.068,8 mil hectares (11,6%), com produtividade de 2.870 kg/ha (23,1%) e colhidos 8.807,3 mil toneladas (+8,3%). Diante desse cenário, a estimativa é encerrar a safra com estoques finais de 1.420,7 mil toneladas.

TABELA 18 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2018	2.387,4	5.427,6	6.738,6	14.553,6	11.360,8	582,9	2.609,9
2019	2.609,9	5.154,7	6.676,7	14.441,3	11.860,6	342,3	2.238,4
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	11.849,8	3.045,9	922,5
2022*	922,5	10.554,4	4.514,2	15.991,1	11.894,1	2.656,6	1.440,4
2023*	1.440,4	8.096,8	5.702,6	15.239,8	11.943,6	2.790,9	505,3
2024**	ago/24	593,6	8.836,5	6.000,0	15.430,1	11.892,0	1.538,1
	set/24	505,3	8.807,3	6.000,0	15.312,6	11.892,0	1.420,6

Legenda: (*) Estimativa (**) Previsão.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2024.

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM











Paraíba: no fechamento de agosto, a totalidade da intenção inicial de plantio foi efetivamente semeada. Trata-se de uma cultura plantada, predominantemente, na faixa litorânea do estado e devido às condições climáticas favoráveis, espera-se uma produção superior em comparação à safra passada.

As fases fenológicas estão em 21,8%, 24,4% e 27,7% para enchimento de grãos, maturação e colhido, respectivamente, com o restante distribuído nas demais fases fenológicas.

As lavouras de amendoim se encontram em boas condições. Não houve doação governamental de sementes, tampouco adoção de tecnologias e práticas agrícolas em relação ao último ano.

A produção de amendoim na Paraíba abastece o mercado consumidor estadual e parte é vendida in natura na Ceasa de Pernambuco.

QUADRO 11 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Amendoim primeira safra - Safra 2023/2024						
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
SP	Araçatuba	3,59	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Araraquara	6,25	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Assis	4,33	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Bauru	11,72	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Marília	24,03	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Presidente Prudente	16,70	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Ribeirão Preto	15,50	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	São José do Rio Preto	10,99	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semearia; (S)=semearia; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022)/Conab.

GERGELIM

Pará: a colheita ainda não encerrou, mas as estimativas indicam aumento substancial na área plantada. No entanto, o clima apresentou-se desfavorável à cultura, e algumas áreas tiveram o ciclo afetado por conta da suspensão das chuvas.

Apesar da rápida expansão, muitos produtores de gergelim não investem o suficiente para ter uma produtividade alta e maximizar as vias produtivas da cultura.

Mato Grosso: a temporada 2023/24 foi bastante promissora em relação ao gergelim, que apresentou área recorde no estado, superando os 400 mil hectares.

São fatores que impulsionaram sua opção, a elevada rentabilidade, comparativamente às culturas concorrentes, em especial o milho segundo safra, assim como suas peculiaridades agronômicas favoráveis, com destaque para a baixa exigência de adubação e de aplicação de defensivos, bem como menor exigência hídrica.

Além disso, o mercado vem se consolidando, tendo como foco majoritário o mercado externo. As empresas fomentadoras têm se estruturado, e os produtores têm investido na cultura, até mesmo no processo de colheita, sendo este considerado seu principal gargalo técnico.

Mesmo com a redução nos preços, à medida que a temporada for avançando e estabilizando em patamares bons, a cultura tem sido muito atrativa em termos mercadológicos e, caso a conjuntura adversa ao milho persista para a próxima temporada, deverá permanecer atrativa, o que tende a incentivar sua opção. Estima-se que a comercialização já ultrapasse 85%.

Tocantins: o acumulado de chuvas em março foi de 200 mm a 250 mm e em abril de 150 mm a 200 mm no estado. As chuvas contribuíram para o bom enchimento de grãos, principalmente, para aquelas áreas semeadas numa boa janela.

O rendimento das lavouras foi de 480 kg/ha a 600 kg/ha, e a colheita está finalizada.

Esta cultura, por ter uma menor exigência hídrica, ela requer chuvas bem distribuídas durante o seu ciclo. Destaca-se que a planta apresenta raízes capazes de absorver água até um metro de profundidade e precipitação de 300 mm a 800 mm anual, adaptando-se bem à altitude abaixo de 500 mm.

GIRASSOL

Goiás: a colheita foi encerrada em julho. As regiões sul e sudoeste, em geral, foram severamente afetadas pela escassez de chuvas ocorridas a partir de meados de abril. Além disso, as precipitações em excesso durante março e início de abril dificultaram as operações de semeadura, levando à ocorrência de muitos plantios fora da janela ideal para a cultura.

As produtividades obtidas variaram bastante, havendo relatos de áreas com 5 scs/ha até 35 scs/ha. Áreas com menores produtividades foram aquelas semeadas tardiamente, fora da janela ideal de plantio.

A qualidade dos grãos colhidos foi considerada boa, mas aquelas lavouras que sofreram escassez hídrica obtiveram grãos miúdos e leves.

Minas Gerais: as áreas de girassol no estado sofreram com a restrição hídrica e apresentam desempenho bem inferior ao seu potencial.

As lavouras apresentaram um porte aquém do esperado e com suas inflorescências também reduzidas. Além disso, as plantas acabaram secando sem uma completa maturação. A colheita da cultura já foi finalizada.

MAMONA

Bahia: a expansão do cultivo se deu sobre áreas inicialmente destinadas ao cultivo de feijão e milho, que, por conta do risco climático, não foram implantadas.

A redução da produtividade, nesta safra, deve-se aos fatores climáticos, sendo possível destacar dois aspectos específicos: 1º) as altas temperaturas

no último trimestre de 2023 prejudicaram as lavouras de segundo ciclo, tanto as de manejo de sequeiro quanto as de manejo irrigado. 2º) o atraso na regularização das chuvas retardou o plantio das lavouras de primeiro ciclo e a recuperação das lavouras de segundo ciclo.

Nos últimos 30 dias houve registro de poucas chuvas, oscilando entre ausência de chuvas até acumulado de 40 mm. As poucas chuvas ocorreram nas microrregiões de Seabra, Itaberaba, Jacobina e Senhor do Bonfim, que apresentam melhor qualidade para as lavouras de mamona. Por outro lado, nas microrregiões de Irecê e Juazeiro não há registro de chuvas significativas desde meados de março de 2024, e as lavouras de mamona estão submetidas ao estresse hídrico.

A microrregião de Irecê, que detém 60% do cultivo da mamona, esteve, nos últimos cinco meses, em quadro de restrição hídrica (fim da estação chuvosa) limitando a emissão de novas flores nas lavouras de sequeiro, mas beneficiando as lavouras irrigadas devido à alta luminosidade. As demais microrregiões produtoras registraram prolongamento da estação chuvosa, gerando melhores condições para as lavouras e prolongando o ciclo produtivo (de colheita), que deve ser finalizado em meados de setembro.

Apesar de ter apresentado bom desenvolvimento, as lavouras tiveram menor potencial produtivo que as lavouras da safra passada. Isto pode ter ocorrido devido às altas temperaturas no último trimestre de 2023, que prejudicaram as lavouras de segundo ciclo, tanto de manejo de sequeiro quanto às de manejo irrigado, e ao atraso na regularização das chuvas, que atrasou o plantio das lavouras de primeiro ciclo e a recuperação das lavouras de segundo ciclo.

SORGO

Mato Grosso: a colheita foi finalizada no estado, e a produtividade alcançou 3.257 kg/ha, 8,3% superior ao alcançado no último ciclo, e reflexo das boas condições climáticas ocorridas na maioria das regiões produtoras.

Mato Grosso do Sul: com as baixas temperaturas registradas no primeiro decêndio do mês, algumas lavouras que se encontravam em fase de floração plena foram prejudicadas devido à ocorrência da “Mela” ou doença açucarada do sorgo. Nesse contexto, as cultivares mais suscetíveis ao fungo poderão apresentar uma perda significativa de produtividade, além de afetar diretamente a qualidade do grão. A colheita já alcança 78% da área semeada, devendo ser finalizada em meados de setembro.

Goiás: a colheita do sorgo está finalizando no estado, com 99% da área já colhida. Restam apenas algumas áreas pontuais no leste do estado. A produtividade ficou um pouco abaixo em relação à safra anterior e ao levantamento passado, com média de 3.466 kg/ha. A escassez hídrica na fase de enchimento de grãos foi o grande fator influenciador da queda de rendimento desta safra.

Distrito Federal: na safra 2023/24, a área cultivada foi semelhante à semeada na safra passada, que foi de 18 mil hectares. A produtividade alcançada ficou em 4.200 kg/ha, e a colheita está perto da finalização.

Minas Gerais: ocorreu um adiantamento na colheita do sorgo neste ano em relação à última safra devido à menor área semeada, menor rendimento das lavouras e ao corte das precipitações a partir de meados de abril. Em alguns municípios registramos produtividades nas últimas áreas colhidas inferiores a 1.800 kg/ha. A produtividade média estimada está 14,9% inferior ao do último ciclo, e os motivos desse rendimento abaixo do esperado

foram: temperaturas elevadas, somadas ao deficit hídrico e à maior pressão de pragas, tais como o pulgão, resultando em cachos menores e com grãos mais leves.

São Paulo: a escassez e a distribuição irregular das precipitações afetaram o desenvolvimento da cultura na maior parte do ciclo desta, comprometendo o potencial produtivo do cereal.

Paraná: o cereal teve seus plantios realizados mais ao norte do estado, região que sofreu com as baixas precipitações e altas temperaturas, que impactaram diretamente na produtividade da cultura, resultando numa produtividade de 2.936 kg/ha, 22,5% inferior ao obtido na última safra.

Já foram colhidas 54% da área cultivada, estando o restante em maturação.

Bahia: a colheita do sorgo foi finalizada, e os rendimentos alcançados superaram as estimativas iniciais e confirmaram a maior tolerância à redução da umidade no solo que o milho. Os grãos colhidos são de boa qualidade.

Maranhão: a colheita foi finalizada em agosto, e os rendimentos são considerados satisfatórios.

Piauí: apesar das condições climáticas favoráveis na implantação da cultura, houve registro de sério ataque de lagartas, com alta infestação e difícil controle, situação que, aliada a deficit hídrico durante o enchimento de grãos, resultou em perda de produtividade. A colheita foi finalizada, e atingiu produtividades 20% inferiores às da safra passada, ainda assim, um número satisfatório.

Tocantins: a colheita está finalizada, e o rendimento das lavouras alcançou, em média, 2.076 kg/ha, 3,5% abaixo do alcançado na última safra.

Pará: a cultura apresentou desenvolvimento satisfatório durante boa parte do ciclo, porém a redução das precipitações durante os estádios reprodutivos provocou redução na produtividade nos polos de Santarém, Paragominas e na média geral do estado.

QUADRO 12 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- SORGO

Legenda - Condição hídrica											
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Produção* %	Sorgo - Safra 2023/2024								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
PA	Sudeste Paraense	1,99		PS	S/E/DV	DV/F		F/EG	EG/M	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	2,89		PS	S/E/DV	DV/F		F/EG/M	EG/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	2,61		PS	S/E/DV	DV/F		F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	3,66	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M	C		
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	6,05		PS	S/E/DV	DV/F		F/EG	EG/M	M/C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul	1,97		PS	S/E/DV	DV/F		F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	2,14		PS	S/E/DV	DV/F		F/EG	EG/M	M/C	C
MT	Sudeste Mato-grossense	1,33		PS	S/E/DV	DV/F		F/EG/M	EG/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense	2,84		PS	S/E/DV	DV/F		F/EG/M	EG/M	M/C	C
	Centro Goiano	1,26		PS	S/E/DV	DV/F		F/EG	EG/M	M/C	C
GO	Leste Goiano	5,27		PS	S/E/DV	DV/F		F/EG	EG/M	M/C	C
	Sul Goiano	28,34		PS	S/E/DV	DV/F		F/EG	EG/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas	4,09		PS	S/E/DV	DV/F		F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	17,52		PS	S/E/DV	DV/F		F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Araçatuba	2,89		PS	S/E/DV	DV/F		F/EG	EG/M	M/C	C
SP	Bauru	1,42		PS	S/E/DV	DV/F		F/EG	EG/M	M/C	C
	Itapetininga	2,87		PS	S/E/DV	DV/F		F/EG	EG/M	M/C	C
PR	Norte Central Paranaense	1,35		PS	S/E/DV	DV/F		F/EG	EG/M	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022)/Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Rio Grande do Sul: a semeadura foi concluída em julho. A evolução da semeadura se deu em apenas 15% da área em maio, 70% em junho, visto que a maior parte foi semeada na primeira quinzena, e 15% em julho, período em que as atividades se concentraram nas regiões mais frias do estado.

No levantamento, realizado no final de agosto, constatou-se que as lavouras apresentam condições normais, em algumas houve perdas e em outras houve melhora significativa na condição fitossanitária, assim, mantemos a expectativa de produtividade inicial da cultura para a safra de inverno 2024.

No campo, o que se nota é que em algumas regiões e/ou áreas pontuais, as dificuldades para realização da semeadura e para o estabelecimento inicial das lavouras, como erosão dos sulcos de semeadura e alagamento das lavouras, apresentam seus impactos negativos no desenvolvimento das áreas, assim como o período de dias nublados após a emergência das primeiras áreas semeadas, que reflete em um porte menor das plantas.

Outro fator de perdas nas lavouras foram as geadas ocorridas durante agosto, quando 20% das áreas atingiram o florescimento, período mais crítico para perdas por este tipo de evento climático.

Em contrapartida, a mudança das condições meteorológicas, a partir da segunda quinzena de julho, proporcionaram bom desenvolvimento das

plantas e boa eficiência dos tratamentos culturais, como a aplicação de fertilizante nitrogenado e dos inseticidas e fungicidas.

No período de realização deste levantamento as áreas se dividiam em vários estádios fenológicos: 9% já estavam no enchimento de grãos, 11% em florescimento e 80% restantes estavam em desenvolvimento vegetativo.

Entre as áreas em desenvolvimento vegetativo predomina a fase pré-florescimento (alongamento dos entrenós e emborrachamento), com 43% das áreas. As demais estavam divididas em perfilhamento (29%) e desenvolvimento vegetativo inicial (8%).

Paraná: o clima para todas as culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), procedeu-se da seguinte forma: na maior parte do presente ano, o clima apresentado foi de volumes de chuvas escassas, bem como altas temperaturas, até mesmo durante a presente estação de inverno.

Porém, nas últimas ondas de frio, ocorridas em agosto, foram registradas baixas temperaturas, que acarretaram a ocorrência de geadas em várias regiões do estado. Agosto contou com dias muito quentes e outros muito frios. Essa desuniformidade não foi favorável para as culturas de inverno, pois houve piora nas condições devido ao estresse hídrico, com evapotranspiração acima da média para o período e também formação de geadas, sendo a primeira onda com cerca de 4 dias consecutivos e a segunda com cerca de 3 dias, atingindo algumas lavouras em fase reprodutiva, quando a planta está mais suscetível a danos por geada.

No final do mês, houve ocorrência de chuvas em volume e intensidade favoráveis em quase todo o estado, o que poderá surtir em recuperação daquelas lavouras classificadas com condições regulares.

O cenário climático desfavorável prejudicou as condições das lavouras, consideradas como 54% boas, 30% médias e 16% ruim, assim, a produtividade estimada, atualmente, é reduzida em relação à safra passada.

As colheitas avançaram em 11%, estando as demais fases distribuídas com 7% em desenvolvimento vegetativo, 22% em floração, 32% em frutificação e 28% em maturação, destaque para a floração, período de maior suscetibilidade da cultura frente às geadas e à baixa disponibilidade de água no solo.

O preço da semente de aveia-branca aumentou consideravelmente, em razão da escassez deste insumo, provocando a migração de muitos produtores de aveia-branca para aveia-preta, trigo ou mesmo por não plantar a cultura, refletindo numa redução de 12,4% na área.

A cultura foi mais impactada por doenças e ferrugem que outras gramíneas de inverno. O nível tecnológico é de mediano para baixo, com poucas lavouras de alta tecnologia. Poucos dias de frio, com muitos dias quentes, favoreceram o aparecimento de doenças.

Mato Grosso do Sul: na região centro-sul, principal produtora do cereal, não apresentou volumes de chuvas expressivos durante agosto. Além disso, o frio tomou conta de toda a região produtora, registrando sensações térmicas abaixo de -1,9 °C. Diante desse cenário, além das áreas prejudicadas pela estiagem, algumas dessas lavouras implantadas mais tardiamente também sofreram danos pela ocorrência da geada.

Algumas lavouras foram prejudicadas devido à queda acentuada nas temperaturas registradas nesse período avaliativo. Nesse contexto, parte das lavouras que se encontravam em fase de florescimento, a geada pode ter causado abortamento de flores, o que resulta em maiores perdas na produtividade do cereal. Além disso, outro problema identificado em alguns

talhões foi a presença do pulgão, porém nas lavouras que apresentam melhor sanidade e condições favoráveis de colheita, os produtores intensificaram o monitoramento e realizaram aplicações corretivas para o controle do inseto.

A falta de recursos hídricos na definição do potencial produtivo e as variações térmicas intensificou as perdas em praticamente toda região produtora, ou seja, não houve formação de grãos suficiente para justificar a colheita. No entanto, poucas áreas semeadas posteriormente foram cultivadas em condições um pouco mais favoráveis e se encontram em boas condições, visto que é esperado uma produtividade média razoável com padrões de qualidade ainda indefinidos.

QUADRO 13 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AVEIA

Legenda – Condição hídrica											
Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
UF	Mesorregiões	Produção* %	Aveia - Safra 2024								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	4,27	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Centro Ocidental Paranaense	5,92		S/E/DV	DV/F	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Norte Central Paranaense	3,44	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense	4,98	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
PR	Oeste Paranaense	0,69	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,28	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense	2,58	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Sudeste Paranaense	1,75			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	
	Noroeste Rio-grandense	53,06		PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	M/C	C		
RS	Nordeste Rio-grandense	6,16			S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense	8,65		PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	M/C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	1,98		PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	M/C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	2,36		PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	M/C	C		
	Sudeste Rio-grandens	2,18		PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

CANOLA

Rio Grande do Sul: ocorreram problemas durante a implantação da lavoura por chuvas pesadas, que dizimaram algumas áreas já semeadas, das quais, apenas algumas foram ressemeadas. Por outro lado, em outras regiões, a falta de umidade não permitiu a semeadura, caso ocorrido, principalmente, na Fronteira Oeste. Nesses casos, os produtores optaram por devolver as sementes.

As lavouras semeadas no início do período recomendado têm estande fora do ideal. Já as lavouras semeadas no período intermediário apresentam desenvolvimento satisfatório. As áreas semeadas no final da janela de semeadura representam a fatia que está em desenvolvimento vegetativo, com relatos de problemas pontuais de estande baixo.

A sanidade das lavouras está sob controle. As doenças que mais afetaram a cultura foram manchas por alternária, causada pelo gênero *Alternaria*, e suas variações em espécies, pelo mofo-branco (*Sclerotinia sclerotiorum*), pela traça-das-crucíferas (*Plutella xylostella*) e pela bacteriose do baixeiro.

Quanto aos estágios da cultura, de um modo geral, em média, as lavouras têm 20% em estágio vegetativo, 60% em floração, 18% em formação de siliqua e 2% em maturação.

O início da colheita já aconteceu, mas em áreas menos tecnificadas em que os produtores usam a canola mais como planta de cobertura. A intensificação da colheita está prevista para o final de setembro e início de outubro.

Já a produtividade média esperada pela maioria dos produtores é de 1.800 kg/ha, mas as lavouras semeadas em abril, principalmente, tiveram problemas de erosão e chuvas torrenciais pós-semeadura, condição que pode interferir negativamente nessa média.

Aqueles produtores mais tecnificados, que dominam todas as fases do cultivo, esperam alcançar produtividades bem maiores, desde que as condições meteorológicas colaborarem. De toda forma, diante da suscetibilidade da cultura a perdas por eventos meteorológicos, mantemos a nossa expectativa de produtividade inicial de 1.465 kg/ha.

Paraná: cultura totalmente plantada, com 12% em estádios de floração, frutificação 67% e maturação 21%. Ocorreu aumento de área em relação à safra passada.

As lavouras de canola estão em condições que podem ser consideradas como 89% boas, 10% regulares e 1% ruins. Essa situação é devido ao tempo seco e quente que tem se manifestado nas regiões de produção, visto que ainda não foram sinalizados efeitos das geadas ocorridas.

CENTEIO

Paraná: cultura totalmente semeada, encontrando-se, principalmente, na fase de floração, bem suscetível às condições climáticas desfavoráveis, principalmente geadas. As condições das lavouras estão distribuídas entre boas e regulares. A área teve redução em relação à safra passada, reflexo do clima e mercado desfavoráveis, desmotivando os produtores no cultivo.

CEVADA

Rio Grande do Sul: a semeadura da cultura foi concluída em julho. A área cultivada é estimada em 37 mil hectares. A evolução da operação de semeadura foi prejudicada pelas chuvas intensas e recorrentes de junho e

da primeira metade de julho, mas os produtores souberam aproveitar as janelas favoráveis e realizaram a implantação das lavouras.

O estabelecimento inicial das lavouras, tal qual a semeadura, também foi prejudicado pelas condições meteorológicas desfavoráveis para as sementes e plântulas. Em algumas lavouras, apesar do bom pacote tecnológico, observam-se falhas de estande de plantas. Entretanto, as condições ocorridas a partir da segunda quinzena de julho, principalmente o aumento de dias com boa radiação solar, proporcionou bom desenvolvimento das plantas que, atualmente, apresentam boa sanidade, estatura e vigor.

As condições meteorológicas também permitiram que em agosto se observasse intenso trabalho das máquinas agrícolas nas lavouras. Os produtores aproveitaram para realizar os tratos culturais do início do ciclo de desenvolvimento, como o controle das plantas competidoras e a aplicação de fertilizantes nitrogenados.

Nas regiões onde a semeadura se deu mais cedo (oeste do Planalto Médio) já iniciaram as aplicações de inseticidas e fungicidas. De uma forma geral, obteve-se boa eficiência na aplicação dos produtos.

A condição geral das lavouras é boa, mas apenas 12% das áreas já atingiram o período crítico de definição da produtividade (florescimento, enchimento de grãos e maturação), por isso, mantém-se a expectativa inicial de produtividade da cultura.

No período de realização deste levantamento, as áreas se dividiam em vários estádios fenológicos de desenvolvimento: 1% já estava no enchimento de grãos, 11% em florescimento e 88% restantes estavam em desenvolvimento vegetativo (não restam mais lavouras em emergência).

Entre as áreas em desenvolvimento vegetativo, predomina a fase de perfilhamento, representando 42% das áreas. As demais estavam divididas em alongamento e emborrachamento (20%) e desenvolvimento vegetativo inicial (27%).

A partir de setembro será crucial a ocorrência de condições meteorológicas favoráveis para a obtenção de bons patamares de produtividade. Preocupa a previsão de geadas tardias durante setembro e de chuvas significativamente acima da média para outubro.

Paraná: a cultura desenvolve-se dentro do que se espera. As condições climáticas foram moderadamente adversas, principalmente devido às altas temperaturas médias de agosto, atípicas para o inverno, além da falta de chuvas.

Também houve ocorrência, em agosto, de geadas de 4 a 3 dias consecutivos, o que afetou, sobretudo, as lavouras em início de fase reprodutiva.

Apesar do estresse hídrico, ainda se mantém alta a expectativa de produtividade devido ao alto investimento tecnológico e à fase mais inicial da cultura, que ainda conta com possibilidade de recuperação, caso as chuvas e temperaturas melhorem. Previsão de colheita a partir de meados de outubro.

Foram verificadas vendas antecipadas de parte da cevada que será produzida na safra atual, visto que essa cultura é fomentada pelas indústrias de malte, com a comercialização antecipada girando em torno dos 20% no estado.

TRITICALE

Paraná: para este ciclo, existe uma previsão de cultivo de 9,3 mil hectares, o que é 18,4% inferior aos 11,4 mil hectares de triticale cultivados no ciclo 2022/23. Essa diminuição deve-se em virtude de muitos produtores tiveram frustrações de produtividade e qualidade, no ciclo passado, bem como os preços no momento do plantio.

Esta cultura é utilizada nas propriedades como alimentação para o gado, assim como para o comércio entre vizinhos de sementes/grãos.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

